



**Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**  
**Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES**  
**Curso de Psicologia**

---

**Processos Subjetivos da Moralidade: uma Articulação Teórica entre Subjetividade e**  
**Processos Morais**

**Andressa Martins do Carmo de Oliveira**

Brasília  
Dezembro de 2015



**Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**  
**Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES**  
**Curso de Psicologia**

---

**Processos Subjetivos da Moralidade: uma Articulação Teórica entre Subjetividade e  
Processos Morais**

**Andressa Martins do Carmo de Oliveira**

Monografia apresentada ao Centro  
Universitário de Brasília como requisito básico  
para obtenção do grau de psicólogo.

Professor-orientador: Prof. Dr. Fernando Luís  
González Rey.

Brasília  
Dezembro de 2015



### Folha de Avaliação

Autora: Andressa Martins do Carmo de Oliveira

Título: Processos Subjetivos da Moralidade: uma Articulação Teórica entre Subjetividade e Processos Morais

Banca Examinadora:

---

Professor Dr. Fernando Luís González Rey  
Orientador

---

Professor Dr. José Bizerril Neto  
Examinador

---

Professora Dra. Valéria Mori  
Examinadora

Brasília  
Dezembro de 2015

*Aos meus avós Rosa e Waldemar, Manoelina e José, que me mostraram que a felicidade está no amor que damos;*  
*Aos meus pais, Elton e Graciete, que sempre acreditaram em mim e me ensinaram o valor da disciplina, da dedicação e da perseverança;*  
*À minha irmã, Isabella, que me guiou de mãos dadas ao meu destino;*  
*Ao meu esposo, Daniel, que esteve ao meu lado nestes anos, me apoiando com seu alegre sorriso de todos os dias e o seu imensurável amor;*  
*Aos meus amigos que encontrei em meu percurso na Psicologia, Igor, Natália e Simony; e na Apex-Brasil, Sosô, Lu Lino, Clari e Brunildes, por toda paciência, cooperação e amizade;*  
*Ao meu orientador, Fernando, por cada momento que dedicou do seu tempo para ensinar-me e por sempre ter acreditado que eu seria capaz;*  
*Ao meu protetor espiritual, Eurípedes Barsanulfo, fonte de inspiração para que eu escrevesse sobre este tema.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pelo ar, pela vida e pela paz. Muito obrigada, Senhor. Tu és a fonte de minha inspiração, e por Ti e pensando em Ti, sigo trilhando o meu caminho com muita fé, para que, com minhas palavras e intuição, eu possa oferecer luz e espalhar a esperança aos corações cansados, entristecidos e em sofrimento.

Aos meus pais, Elton e Graciete, por terem me ensinado o valor do estudo, da leitura, da fé e da música; que foram, muitas vezes, minhas únicas companhias nos momentos de solidão, pelos dez anos que trilhei sozinha ao redor do mundo; pelo imenso apoio, suporte, por acreditarem em mim, e pela força que sempre me deram em tudo o que decidi seguir em minha vida. Eu simplesmente não existiria sem vocês.

Ao meu esposo, Daniel (Buzinho), pelo carinho, companheirismo, amizade, por toda dedicação ao nosso amor e paciência nas horas difíceis, que por todos estes anos me esperava ansioso na janela de casa, às 22h40, para me confortar com seu amor e fazer-me sentir a mulher mais feliz deste mundo por tê-lo ao meu lado. Te amo!

À minha irmã, Isabella, que se não fosse por ela, eu não estaria me formando em Brasília e nesta Universidade. Sua insistência em trazer-me para viver ao seu lado foi fonte de todo o meu posterior crescimento. Sou imensamente grata por tudo, minha querida irmã.

Aos amigos Igor, Natália e Simony, por toda cooperação, união e companheirismo. Estivemos praticamente “colados” todos estes anos, compartilhando vivências, trocando conhecimentos e auxiliando uns aos outros. Que nossa amizade cresça cada vez mais, obrigada meus amigos.

Ao estimado orientador, Prof. Dr. Fernando Rey, que tornou possível a realização deste trabalho. A sua atenção e disposição em ensinar tornou o processo de aprendizagem ainda mais rico, contribuindo para que eu crescesse em meus estudos. Doou-me, diversas vezes, de seu precioso tempo, acreditando sempre que eu seria capaz de ir além. Gratidão!

Ao professor e colega Daniel Goulart, pelos momentos de conhecimentos compartilhados e por ter estado tão presente neste meu percurso acadêmico, sempre disposto a contribuir em tudo o que eu viesse a precisar. Sua presença foi essencial na minha formação, obrigada querido!

Aos colegas da Apex-Brasil, Soraya, Luiza, Clarice, Bruna, Jacy, Vinicius, Mauricio, Flavia, que me auxiliaram a conciliar o trabalho e os estudos, sem vocês eu não teria chegado até aqui. Obrigada por cada momento que vocês cooperaram para que eu pudesse ir para aula todos os dias destes anos, pela paciência e amizade.

À minha querida amiga Kass Dyebo, que todos os dias, há anos, mesmo morando muitíssimo longe, esteve presente nos diversos momentos da minha formação, me apoiando com suas sábias palavras, seu carinho e otimismo. Love you, Darling!

Aos professores do curso, Leonor, Luciana, Otávio, Guto, Michela, Ingrid, Morgana, Suzana, Fred, Renata, por terem me ensinado com tanto carinho e dedicação, e por toda disposição em dar suas aulas, que contribuíram significativamente à minha desenvoltura no curso. A Psicologia, em minha vida, nada seria sem a presença de vocês.

Às colegas do curso, Rosilda, Rosangela, Diojane, Georgia, Nilma, Brunna, Jéssica, Carol, Karol, Ana Paula, Áurea, que por diversas vezes sentaram ao meu lado para juntas aprendermos, me ajudaram e me acompanharam de perto nessa trajetória. A companhia de vocês, todos os dias, alegrou imensamente meu coração.

Às amigas de Uberaba, Michelle Dorça, Kellen Cristina, Fernanda Coelho, Isabela Oliveira, com quem compartilho minhas raízes. Por diversas vezes me deram forças para seguir acreditando, sempre me inspirando com suas palavras. A amizade e o carinho de vocês são preciosidades em minha vida.

Aos queridos amigos e amigas do “mundo” da moda, Milena Paes e Zeca de Abreu, da agência Way Models; Sheila Ruschel, Fabrine Constantini, Karmel Bortoleti, Carla Pimentel,

Silvia Regina, Michele Tagliani, Lenka Chubuklieva, Nadya Trokhan-Abela, Laura Butterfiel, Ally Zetterberg, Carolina Casadei, Claudiele Rhoden, Juliana Aneli, Katia Eyng, Ana Paula Alcântara, Ana Hartmann, Fabiane Nunes, Gisele Leung, que me acompanharam por muitos anos de minha vida, me alegrando com sua presença por diversos momentos, e me ensinando o valor da humildade, da perseverança e da determinação. Nunca me esqueço, aos 14 anos, Zeca me dizendo: “Andressa, o único caminho possível é o reto, e a primeira impressão é a que fica, então, entre no *casting* confiante que o trabalho será seu, pois sua postura mostrará sua confiança”! Aprendi a acreditar nas minhas potencialidades ao lado de todos vocês. Thank you all!!!

Aos amigos que conheci ao redor do mundo e que jamais os esquecerei, com eles compartilhei os melhores momentos da minha trajetória no mundo da moda. Eles estiveram ao meu lado quando eu mais precisei. Inspirado neles, escolhi estudar psicologia: Kira, Christos, Ash, Andrew, George, Arash, Tim, Laji, Pieter, Alon, Savvas. Thank you guys, you are the best!

Aos participantes desta pesquisa, que se dispuseram a participar com muito entusiasmo e contribuíram significativamente para que o trabalho fosse realizado

Por fim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, muito obrigada!

*“Se eu alcançar na minha condição e na profissão tudo o que eu posso alcançar, se minha felicidade está garantida pelo direito, em suma, se eu, no pleno sentido da palavra, for um cidadão e se a palavra de meu país, liberdade – liberdade –, soasse novamente na boca dos homens honestos e felizes, estaria eu então satisfeito no meu íntimo? Deveria pensar que sim, mas não é verdade (...), o direito social não me satisfaz, o estado social não me realiza, não posso permanecer tranquilo sobre o fundamento da minha formação civil, como não posso permanecer no mero prazer sensual e animal – sou, em todo o caso, através dessa formação, emudecido; na minha alma entraram desconfiança, sinuosidade e inquietude, que nenhum direito social pode desfazer (...) Logo vi que as circunstâncias fazem o homem, mas vi também que o homem faz as circunstâncias, tem uma força em si mesmo que pode conduzir de várias maneiras, segundo sua vontade. (...)*

*A natureza fez a sua obra inteira, assim também faz a tua. Quem quer que tu sejas, acharás nesse caminho um meio de trazer tua natureza em harmonia consigo mesmo. Queres, porém, fazer tua obra apenas pela metade, quando a natureza fez a dela inteira? Queres estacionar no degrau intermediário entre tua natureza animal e tua natureza moral, sobre o qual não é possível o acabamento de ti mesmo? – Então não te espantes de que serás um costureiro, um sapateiro, um amolador ou um príncipe, mas não serás um homem. Não te espantes então de que tua vida seja uma luta sem vitória e que nem sequer te tornes o que a natureza, sem a tua ação, fez de ti – mas muito menos serás um meio-homem civil.”*

*(Johann Heinrich Pestalozzi)*



## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>1. Capítulo Teórico.....</b>	<b>5</b>
1.1 A Moralidade sob a Perspectiva de Abordagens Teóricas Tradicionais: Breve Digressão Bibliográfica.....	5
1.2 Estudo da Moralidade no Brasil: Algumas Considerações e Desdobramentos Atuais.....	8
1.3 Estudo da Moralidade pela Teoria da Subjetividade numa Perspectiva Cultural-Histórica: Abrindo novos Caminhos à Pesquisa desta Temática.....	12
1.3.1 As categorias Subjetividade, Sentido Subjetivo, Configuração Subjetiva e Sujeito para se pensar Processos Morais.....	15
1.4 Educação e Desenvolvimento de Processos Morais: Possibilidades de Articulação mediante uma Perspectiva Cultural-Histórica.....	23
<b>2. Objetivos .....</b>	<b>25</b>
2.1 Objetivo geral.....	25
2.2 Objetivos específicos .....	26
<b>3. Capítulo Epistemológico e Metodológico.....</b>	<b>27</b>
3.1 A Epistemologia Qualitativa .....	27
3.2 O processo de Construção da Informação .....	28
3.3 Participantes.....	29
3.4 Construção do Cenário da Pesquisa.....	30
3.5 Instrumentos.....	33
<b>4. Análise e construção da informação.....</b>	<b>36</b>
4.1 Breves considerações iniciais .....	36
4.2 Sujeito do Comportamento Moral: um Estudo de Caso .....	36
4.3 Estudos de Caso: uma Articulação entre as Categorias Sujeito, Sentidos Subjetivos e Moralidade .....	52
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>69</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>71</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>75</b>
Anexo A: Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	76
Anexo B: Modelo do Questionário Aberto .....	79
Anexo C: Modelo Complemento de Frases .....	80

## Resumo

A presente pesquisa teve por objetivo o estudo dos processos subjetivos associados à moralidade de jovens no contexto brasileiro, tendo como principal referencial a Teoria da Subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica. Para tanto, teve como fundamento o método construtivo-interpretativo, baseado na Epistemologia Qualitativa, que tem como um dos seus fundamentos o processo construtivo-interpretativo na produção de conhecimento. Os participantes da pesquisa foram oito jovens estudantes universitários. A pesquisa foi realizada por meio de dinâmicas conversacionais, filme seguido de debate, complemento de frases e aplicação de questionário aberto. A discussão do trabalho foi realizada a partir da análise e construção da informação. Propôs-se, assim, a compreensão da moralidade enquanto instância subjetiva de uma trajetória de vida concreta, possibilitando falar em instrumentos teóricos que geram alternativas à ideia de uma “moralidade perfeita”, a todo tempo atuante nos diferentes campos de ações da pessoa, pois leva em consideração a expressão singular do sujeito. Nesse sentido, seu estudo se distanciou de formas universais e dogmáticas, pois não há uma expressão moral que esteja dissociada da subjetividade individual e social. Buscou-se, a partir deste estudo, gerar inteligibilidade sobre a condição de sujeito moral, ao incluir suas produções, concepções e vivências, favorecendo uma visibilidade teórica propícia à reflexão de estudos no âmbito dessa temática.

**Palavras-chave:** Moralidade, Subjetividade, Sentido Subjetivo, Sujeito.

## **Introdução**

Este trabalho de monografia teve como fio condutor o interesse em estudar a moralidade no contexto brasileiro. Em um primeiro momento, a fonte de motivação para escrevê-lo resultou da observância da carência de representações teóricas e epistemológicas que aprofundem a compreensão deste tema tendo em conta a processualidade dos fenômenos humanos, e o seu estudo frente à produção subjetiva. Em um segundo momento, motivada pelo intuito de explorar a moralidade nos espaços universitários, familiares e sociais.

Ademais, estudar a moral resgata uma atenção à essa problemática nem sempre incluída nas discussões dos processos educativos, da saúde e da clínica. Neste sentido, considerando a sociedade brasileira atualmente, é de suma importância fomentar tal discussão nos diversos espaços, bem como estimular a produção de estudos acadêmicos que possam acrescentar novas ideias a produções anteriores, visando compartilhar um número maior de conhecimentos de forma ininterrupta.

Uma nova trajetória do pensamento a respeito da moralidade é a proposta que se apresenta como necessária, considerando o contexto em que a sociedade brasileira está inserida, bem como as diversas formas de manifestação cultural. Salienta-se que a manifestação cultural é única de um contexto e época, amparada em uma trajetória de vida que pertence a cada um, por suas próprias produções.

Assim, a proposta que assumo neste trabalho a partir do referencial teórico da Teoria da Subjetividade, numa perspectiva cultural-histórica, de González Rey, permite abordar o estudo da moralidade se afastando da forma normativa, determinista e categórica, na qual classicamente o tema é tratado.

Deste modo, tal referencial demonstra ser uma alternativa teórica e epistemológica que permite aprofundar a discussão da moralidade em um contexto histórico e em uma visão complexa dos diversos princípios que se manifestam em uma vida concreta. Assim, diversos

elementos na construção desta pesquisa serão unidos, ao considerar as produções singulares e toda a complexidade que as acompanham.

Ademais, o pensamento de que uma pessoa jamais será refém de determinações específicas de dinâmicas intrapsíquicas ou cognitivas será fortalecido, buscando-se demonstrar a possibilidade de uma pessoa ser sujeito frente a sua trajetória de vida, podendo alcançar caminhos próprios rumo à conquistas e realização de projetos de vida, transformando o seu entorno; pois, “considerar o outro como sujeito é um princípio essencial de toda definição moral” (González Rey, 2012, p. 164).

A partir desta perspectiva, pode-se direcionar o olhar à alternativa de se pensar o ser humano enquanto aquele que constrói e estrutura o seu caminho de vida. Ressalta-se, no entanto, que as consequências dessa construção sempre estão para além de seu controle e de sua consciência. Tal pensamento, possibilita superar formas reducionistas e modos lineares de se estudar e conceber os fenômenos humanos. Nesse sentido, existem múltiplos movimentos a todo tempo atuando na expressão da moralidade, permitindo fazer referência ao seu caráter dinâmico, de forma que é impossível generalizar, homogeneizar e simplificar a discussão dessa temática. Isto é, o estudo por meio desta perspectiva, possibilita levar em conta as múltiplas configurações da expressão da moral, considerando a singularidade dos espaços sociais e das pessoas, que está além das formas visíveis de como se apresenta.

Baseado nos questionamentos acima propostos, este trabalho teve como objetivo principal o estudo dos processos subjetivos da moralidade de jovens brasileiros selecionados para participarem da pesquisa. Com o intuito de apresentar resumidamente o percurso percorrido para o seu desenvolvimento, exponho a seguir como organizei suas partes.

Primeiramente, no capítulo teórico, após algumas considerações iniciais, teço um panorama histórico de alguns estudos de autores, tradicionais e nacionais, que se dedicaram a

estudar a temática da moralidade, abordando algumas de suas contribuições e críticas já lançadas à certas perspectivas teóricas.

No tópico seguinte, reflito sobre as contribuições do referencial teórico adotado para sua elaboração, a Teoria da Subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica, desenvolvida por González Rey (2002). Considerando esta perspectiva, discuto a moralidade a partir da organização de sentidos subjetivos que se configuram e se configuraram na experiência do jovem frente a diferentes esferas da sua vida, de forma a apresentar uma abordagem mais abrangente dessa temática.

Tudo isso, favoreceu uma compreensão ampla de como o jovem organizou subjetivamente a moralidade, levando em consideração a processualidade dos fenômenos humanos e a organização subjetiva dos diferentes momentos de sua trajetória frente às experiências de vida, nos diferentes espaços sociais em que atua. Ou seja, foi possível transcender a consideração somente do conteúdo explícito intencional, mas conceber também a dimensão afetiva da pessoa que expressa seus valores (González Rey, 2005).

Na sequência, trago uma breve discussão sobre possibilidades de articulação entre educação e desenvolvimento moral, considerando relações que promovem certos processos subjetivos relacionados à moralidade, favorecidas pela teoria em questão, que concebe processos educativos enquanto atividade que implique uma relação social e que faça sentido para a pessoa.

No capítulo metodológico, apresento o método construtivo-interpretativo, fundamentado pela Epistemologia Qualitativa proposta por González Rey (2005), e suas contribuições para o estudo dos processos morais, ao dar ênfase ao caráter construtivo interpretativo na produção do saber, além de atribuir fundamental importância tanto ao diálogo, quanto ao singular no desenvolvimento da pesquisa. Sendo o conhecimento construtivo-interpretativo, o autor considera-o como produção sobre o vivido, permitindo a articulação

entre dimensões emocional e imaginária; superando, assim, uma lógica causal linear atribuída frequentemente aos processos humanos, tendo em conta estudos da moralidade. Além disso, são apresentados neste capítulo: a construção do cenário da pesquisa, os instrumentos utilizados e algumas de suas concepções, bem como informações sobre os participantes.

Na análise e construção da informação, que compõe a discussão do trabalho, busquei explorar processos subjetivos relacionados à moralidade dos jovens, tendo em conta expressões obtidas mediante os diversos momentos de sua participação na pesquisa, tanto nas ocasiões grupais quanto individuais. São apresentados dois tópicos nesta parte: no primeiro, aprofundei-me em um estudo de caso, Ana; no segundo, discuto diferentes estudos de caso de forma mais singela, dando maior ênfase às expressões obtidas a partir dos momentos grupais para aprofundar-me na análise e construção destes estudos de caso.

Por fim, são apresentadas algumas considerações finais a partir de alcances e contribuições desta pesquisa à reflexão dos processos morais pela perspectiva utilizada. Baseado nisso, tem-se a intenção de favorecer com este estudo uma abertura à novas inteligibilidades sobre a moral enquanto produção singular, propiciando reflexões acerca da condição de sujeito moral, ao incluir suas produções, concepções e vivências ao abordar essa temática. Além disso, contribuições deste estudo envolvem favorecer a elaboração de estratégias alternativas no âmbito de algumas instituições como escolas, clínica e espaços culturais, que poderão desdobrar-se em elementos mais significativos e promotores de recursos críticos e reflexivos, no que tange à moralidade. Logo, é preciso explorar outros campos e conhecimentos sobre processos morais, destacando a importância da produção subjetiva como uma abertura às possibilidades de pesquisa nessa temática.

## **1. Capítulo Teórico**

### **1.1. A moralidade sob a Perspectiva de Abordagens Teóricas Tradicionais: Breve Digressão Bibliográfica**

Perez-Delgado e Garcia-Roz (1991), em seu livro “La Psicología del Desarrollo Moral”, apontam que por muito tempo as investigações científicas preocuparam-se em estudar a moralidade, o que resultou em diversas produções textuais sobre essa temática ao redor do mundo.

Diferentes autores da Psicologia buscaram realizar suas pesquisas sobre o tema, dedicando-se a pensar, quase que exclusivamente, sobre o “desenvolvimento moral”, o que refletiu na maioria de suas produções teóricas (Piaget, 1994; Kohlberg, 1981, 1984; Gilligan, 1993). Algumas das principais concepções de certos autores são apresentadas adiante, enfatizando alguns dos entendimentos básicos introduzidos em seus estudos, bem como expondo algumas críticas lançadas às suas abordagens.

Inicia-se com Piaget (1994), que foi um dos pioneiros nas investigações desta temática. Este autor estudou profundamente o julgamento moral sob uma perspectiva cognitivista, tendo elaborado um método para buscar compreender como este julgamento se desenvolvia nas crianças, a partir de observações realizadas enquanto elas participavam de atividades lúdicas, como jogos.

O autor questionava as crianças a respeito das regras no momento concreto da ação. O principal procedimento que utilizava em suas pesquisas era pretender seu desconhecimento quanto às regras do jogo e solicitar às crianças que as explicassem (Piaget, 1994). Assim, tinha como objetivo fundamental compreender a forma como os participantes entendiam as regras. Além disso, esse modelo possibilitava ao autor observar a interação das crianças com as regras considerando as diferentes idades.

A partir da utilização deste método, Piaget (1994) identificou duas etapas da evolução moral da criança: a moral heterônoma – evolução que era apoiada por uma moral externa, imposta por autoridades como os pais, por exemplo; e a moral autônoma - uma consciência individual que se desenvolveria a partir da noção que um valor teria para a criança (Piaget, 1994). O autor contribuiu com concepções inovadoras ao estudo da moral, que foram fontes de inspirações aos mais variados teóricos ao redor do mundo. Além disso, os estudos de Piaget, realizados a partir de diversos experimentos, favoreceram a credibilidade empírica, que deu sustento científico aos seus postulados no que tange à moralidade.

Outro autor com destaque foi Lawrence Kohlberg (1981, 1984), admirador de Piaget, que, da mesma forma, se distinguiu nas suas produções sobre a temática da moral. Kohlberg destacou, para além das concepções de Piaget, a importância de se estudar aspectos da filosofia ao se conceber a moralidade (Kohlberg, 1968). Na mesma linha que Piaget, teve como fio condutor em suas investigações e estudos a ênfase em aspectos cognitivos no desenvolvimento da moral.

Kohlberg buscava observar reações das crianças ao perguntar-lhes sobre certos dilemas “morais”, por exemplo, situações em que as concepções do certo e do errado não eram óbvias. Assim, objetivava ter acesso ao processo de raciocínio delas, não focando, portanto, na escolha do que era certo ou errado, mas como elas chegavam a algumas conclusões acerca de suas decisões.

As produções de Kohlberg (1981, 1992) sobre o desenvolvimento moral enfatizaram conceitos de uma “aprendizagem moral” que obedeceriam a uma sequência universal, constituída por seis estádios. Ou seja, na concepção do autor, não haveriam aspectos pessoais, históricos, contextuais, ou ainda, motivação genuína para uma ação moral; inclusive, ele rejeitou falar sobre tais dimensões ao estudar o desenvolvimento humano, por ser incompatível com uma visão cognitivista da moralidade, fortemente defendida por ele.



Diferentes críticas foram lançadas às teorias de Piaget (1994) e de Kohlberg (1992). Para Gilligan (1993), estes autores elaboraram seus estudos considerando, em sua grande maioria, apenas o gênero masculino. Na perspectiva de Gilligan (1993), a cultura tem um papel essencial no desenvolvimento moral, através dos modelos que se estabelece para cada gênero; ou seja, haveria, na concepção da autora, uma distinção na forma como homens e mulheres produzem seus julgamentos morais e valores. Desse modo, Gilligan (1993) contesta a atribuição universalista linear ao desenvolvimento moral segundo as perspectivas cognitivistas.

Nesse mesmo sentido, algumas críticas voltaram-se também à problematização do modo “universalistas” de se conceber a moral na orientação cognitivista, uma vez que o contexto é relativamente ignorado na maioria de suas análises, reduzindo o desenvolvimento da moralidade ao desenvolvimento da cognição (Campbell & Christopher, 1996). Dessa forma, por exemplo, acaba-se por atribuir certa similaridade ao desenvolvimento moral de crianças e adolescentes de acordo com as fases/etapas do desenvolvimento, independente da cultura a qual pertencem (Campbell & Christopher, 1996; Gilligan, 1993).

Ainda, obras que problematizam produções destes autores, conforme apontado por Lima (2004, p. 21), questionam “quanto ao distanciamento que há entre um juízo moral expresso por um indivíduo e sua ação moral”. Tais ponderações, no entanto, têm favorecido pesquisas atuais a buscarem abranger novas concepções que envolvem a ação moral, ampliando o escopo das investigações para além dos impasses que constituem os juízos morais de uma pessoa.

Blasi (1990), em seu artigo “Kohlberg’s Theory and Moral Motivation”, sinaliza que Kohlberg acabou não deixando muito claro o que ele entendia por “motivação” no agir moral, e isso culminou em uma inadequada interpretação de sua teoria por outros autores. Ressalta-se que Kohlberg partilhava com Piaget um reducionismo lógico-intelectual na compreensão da moral. Por exemplo, algumas destas críticas, segundo Blasi, problematizam que cada estágio

postulado por Kohlberg é marcado pelo simples declínio de certas motivações e ascensões de outras.

Conforme apontado por Blasi (1990), as limitações que existem no estudo da moral não podem ser superadas apenas por entender melhor ou não o raciocínio; ou seja, algo a mais seria preciso no estudo desta temática. Conforme ele aponta: “we need a psychological theory to explain how and why moral understanding leads, when it does so, to the desire to act morally” (Blasi, 1990, p. 53).

Concordando com Blasi (1990), penso que uma teoria ampla, que busque compreender o sujeito do comportamento moral, atribuindo importância à subjetividade humana e à relação intrínseca entre a produção individual e o social, no estudo dos processos morais, faz-se premente ao estudo desta temática. E, é neste ponto, que a Teoria da Subjetividade, em uma perspectiva cultural-história, torna-se uma opção importante nesta área, ao possibilitar pensar a processualidade das vivências e a produção subjetiva do sujeito diante delas, que são configuradas emocional e simbolicamente pela pessoa. Assim, compreende-se que cada produção moral é permeada por sentidos subjetivos produzidos frente às diferentes vivências, de forma que tais sentidos constituirão subjetivamente outras ações, o que torna impossível estudar a moral dissociada de uma realidade concreta.

## **1.2. Estudo da Moralidade no Brasil: Algumas Considerações e Desdobramentos Atuais**

Em relação às produções no Brasil, conforme La Taille (1998) aponta, a maior parte das investigações científicas produzidas, que aprofundaram seus estudos no desenvolvimento moral, partem de princípios cognitivistas fundamentados nas obras de Piaget e Kohlberg, concentrando-se, em sua grande maioria, nesta perspectiva. Influenciados pelos trabalhos de

Kant, esses dois autores deram ênfase à razão como elemento primordial na relação do homem e o mundo.

La Taille (1998, 2006, 2009, 2010), conta com uma vasta literatura especializada na temática da moralidade no Brasil, tendo como fundamento em suas investigações as teorias de Piaget e Kohlberg. Para o autor, tais teorias podem ser concebidas concomitantemente, pois:

No que tange às questões da autonomia/heteronomia e do universalismo/relativismo morais psicológicos, sustentam as mesmas teses. Trata-se de duas teorias dedicadas à evolução do juízo moral, de influência incontestável na história da Psicologia Moral, e que são sustentadas por inúmeras pesquisas empíricas com crianças, adolescentes e adultos, realizadas nos quatro cantos do mundo (La Taille, 2007, p. 15).

Segundo o autor, que é um dos colaboradores da denominada “Psicologia Moral”, esta “foi desenvolvida por vários pesquisadores, como o atesta a existência, desde o início da década de 1990, de um grupo de trabalho da Associação Nacional de Pesquisa em Psicologia (ANPEPP) dedicado ao tema” (La Taille, 2010, p.105).

O foco das produções de La Taille varia entre a possibilidade de diferenciar moral e ética (La Taille, 2006, 2009; Tognetta & La Taille, 2008) à abordagem sobre o juízo moral, incluindo nesta estudos sobre a “vergonha” (La Taille, 2002, 2007). Além disso, o autor busca trazer sustentação empírica aos estudos que realiza sobre o tema, como faziam Piaget e Kohlberg.

São estudos que, sem dúvida, contribuem em grande medida à geração de novos conhecimentos acerca da moralidade. No entanto, La Taille segue as posições de Piaget, considerando primordialmente aspectos cognitivos em sua discussão, reduzindo as produções morais ao lógico e ao intelectual. Ademais, alguns de seus estudos visam explicar o desenvolvimento moral em tabelas comparativas, buscando extrair fatos a partir de pequenos

grupos de participantes e observações simplificadas rumo à comprovação de hipóteses, em busca de relações lineares.

Alguns trabalhos no Brasil, no entanto, têm reconhecido a necessidade de tornar o estudo da moralidade mais abrangente, de formar a incluir e integrar em suas investigações dimensões sociais, culturais e aspectos afetivos (Vasconcelos, Arantes, Souza, Trevisol, & Belloto, 2010; Martins e Branco, 2001) para além de processos cognitivos. Nesse sentido, Vasconcelos, Arantes, Souza, Trevisol e Belloto (2010) destacam a necessidade premente de ampliar a forma de se conceber os fenômenos humanos tendo em conta estudos acerca do tema. Ao pontuarem diversas críticas às abordagens tradicionais que, segundo eles, precisam de uma “amplitude” como, por exemplo, as cognitivistas, os autores trazem como possibilidade um referencial teórico-metodológico, denominado a “Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento”. Segundo afirmam:

A busca de explicações científicas baseadas na complexidade é uma das intenções da proposta da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento. Vários fenômenos psicológicos, notadamente os da cognição, historicamente foram estudados quase que exclusivamente pela via da regularidade e da simplicidade, sendo considerados, às vezes, como naturais (Vasconcelos *et al.*, 2010, p. 209).

Apesar de fazerem referência a um elemento importante na compreensão de processos morais, que é a complexidade na pesquisa da moralidade, esse modelo busca sintetizar a teoria de Piaget, no sentido de “desvelar o papel e a função dos conteúdos na atividade cognitiva” (Vasconcelos *et al.*, 2010, p. 211); ou seja, a ênfase continua sendo em aspectos abstratos do pensamento racional, porém, com a finalidade de compreender, por exemplo, seu funcionamento por meio de elementos que são significativos ao sujeito em uma dada circunstância, focando, assim, não mais em recursos operatórios, mas no conteúdo.

Com isso, eles tentam explicitar a relação intrínseca entre a cultura, o social, sentimentos e emoções, e as implicações destes elementos ao modo como o indivíduo atribui sentido às suas experiências (Vasconcelos *et al.*, 2010). Ainda neste estudo, os autores apontam que diversos teóricos têm utilizado desta teoria para investigar a moralidade, como as pesquisas de Lemos-de-Souza (2008) e Martins (2003).

Martins e Branco (2001), no artigo “Desenvolvimento Moral: Considerações Teóricas a partir de uma Abordagem Sociocultural Construtivista”; destacam também a propagação de uma abordagem que tem se pautado na “complexidade” para análise do desenvolvimento moral, trazendo contribuições neste texto acerca da “perspectiva sociocultural construtivista da psicologia do desenvolvimento humano para o estudo do desenvolvimento moral, situando-a em relação a outras abordagens” (p. 174). Segundo os autores, tal referencial possibilita a:

Inter-relação de aspectos culturais, cognitivos, afetivos e sociais da subjetividade humana. Além disso, faz-se necessário uma abordagem que nos permita compreender, neste campo, a produção do novo no momento de sua emergência e na capilaridade de suas variadas formas de manifestação. Com isto estamos dizendo da necessidade de compreender esta dimensão do desenvolvimento sem reduzi-la a aspectos específicos de qualquer natureza, investigando-a em suas múltiplas e complexas manifestações (Martins & Branco, 2001, p. 173)

Ou seja, na mesma linha de pensamento dos autores anteriores, estes também lançam uma crítica à premissa universalista e abstrata do cognitivismo; além de problematizarem a ausência de diálogo e compatibilização entre as diferentes perspectivas teóricas acerca do tema da moralidade (Martins & Branco, 2001).

A partir do exposto, buscou-se neste tópico apresentar de maneira sucinta como alguns autores e trabalhos têm se proposto a estudar a moralidade no país.

### **1.3. Estudo da Moralidade pela Teoria da Subjetividade em uma Perspectiva Cultural-Histórica: Abrindo novos Caminhos à Pesquisa desta Temática**

Não podemos negar as significativas contribuições ao campo do estudo da moral que foram produzidas a partir de fundamentos da visão cognitivista do ser humano. Porém, por trás de processos cognitivos, ou qualquer forma simplificada e linear de se conceber os processos morais de certas abordagens, que em sua maioria centram-se nos processos apenas dos indivíduos, existem, em geral, múltiplos problemas sociais, familiares, dificuldades de encontrar espaços próprios de socialização, que acabam por ficarem sem solução ou não resolvidos; ou seja, são elementos essenciais a serem considerados ao abordar este tema, mas que as perspectivas levantadas dão pouca importância em seus estudos.

De maneira geral, pode-se dizer que por muito tempo deixou-se pouca margem aos aspectos subjetivos no estudo dos processos humanos, mediante a influência de um rigoroso método positivista, que tinha como fio condutor uma concepção estreita de um método abstrato, onde o sujeito do próprio conhecimento foi ignorado (González Rey, 2014). Nesse sentido, uma vez que a Psicologia se desenvolveu como uma ciência respaldada pelo saber empírico em relação à produção do seu conhecimento, oriundo do modelo positivista dominante nos mais diversos âmbitos das suas discussões, toda e qualquer forma de “manifestação” psíquica que não fosse comprovada objetivamente, não teria validade científica. Assim, as produções teóricas dissociaram-se das produções do homem, não incluído, de forma explicativa, a complexidade da dinâmica subjetiva, que é parte das expressões atuantes a todo tempo e em diversas dimensões da sua vida.

Dessa forma, a inexistência de um campo propício à discussão da subjetividade inviabilizou ao saber produzido pela Psicologia discutir a moralidade enquanto produção subjetiva, posto ainda possuir estreita relação com o paradigma da “cientificidade” e sua busca

por relações diretas e lineares (González Rey, 2014). Assim, a dimensão subjetiva tem sido pouco entendida e problematizada pela sociedade, e até pela Psicologia.

Consequentemente, omissões das mais diferentes esferas da vida do homem no estudo da moralidade tornaram algumas discussões desta temática deterministas, as quais acabaram por outorgar aspectos morais “de fora para dentro”, culminando em uma constante atribuição similar de alguns “atributos morais” que mantém e caracterizam determinados comportamentos de todas as pessoas, desconsiderando, portanto, a complexidade dos fenômenos humanos ao aborda-la. Outras vezes também, seu estudo é reduzido a dimensão intelectual e cognitiva, ponderando apenas o indivíduo. Dessa forma, ao considerar apenas um limitado conjunto de fatores no estudo da moralidade, termina-se por subjugar perspectivas e produções singulares às condições normativas impostas ou, ainda, desconsidera-se a implicação do social.

Os estudos já mencionados, portanto, atribuem pouca ou quase nenhuma importância a como os processos morais se configuraram complexamente na vida de quem os expressa, ignorando, assim, elementos cruciais na produção da moralidade, como o histórico e o social; o que a Teoria da Subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica, elaborada por González Rey (2002, 2007), traz como possibilidades ao enfatizar uma qualidade específica dos fenômenos humanos que tem sido ignorada pelas perspectivas hegemônicas nesse campo: a unidade simbólico-emocional.

Nesse entendimento, o estudo da moralidade transcende a consideração somente do conteúdo expresso, ao incluir a dimensão afetiva e a história singular daquele que a expressa (González Rey, 2005). Portanto, a produção moral nessa perspectiva é permeada pelas diferentes vivências da pessoa, abarcando o contexto em que está inserida e sua história de vida. A partir de tais contribuições, considera-se a possibilidade da emergência de um sujeito que não se torna refém do mundo em que vive.

Além disso, não há uma definição da moral, nesta perspectiva, que define um comportamento moralmente “bom” ou “ruim” de forma estática. Ainda, não há critérios universais a serem considerados que estejam sempre associados à produção moral, de modo que esta emerge dos sentidos subjetivos que permeiam a ação do momento da pessoa. Assim, definir o que é moral, é como atribuir um modo universal de se pensar esta temática. Nesta perspectiva, considera-se sempre o entendimento a partir dos sentidos subjetivos por trás do comportamento.

Nesse sentido, ao atribuir importância à trajetória singular relacionada à forma como a pessoa reflete, sente e se posiciona, através de sentidos subjetivos que expressam valor moral, a perspectiva em questão permite integrar elementos culturais, sociais e históricos, no estudo dos processos morais (González Rey, 2012). Faz-se importante destacar o relacionamento não linear entre sentido subjetivo portador de relevância moral, e um comportamento, pois, às vezes, esses sentidos se expressam em comportamentos aparentemente inadequados, mas que têm relevância moral. Assim, podemos citar como exemplo, os chefes do tráfico que cuidam da saúde e da educação das pessoas nas áreas que eles controlam, algo comum nos subúrbios do Rio de Janeiro. Além disso, existem Estados imorais e corruptos, e as formas de ação contra esses Estados podem, muitas vezes, expressar um sentido moral em condutas não aceitas socialmente.

Uma produção moral, portanto, implicará as diferentes experiências da pessoa, perpassada por sua história individual, unindo diversas emoções vindas de outros sentidos subjetivos, de forma que no momento concreto da ação estarão envolvidos elementos de subjetivação produzidos em espaços e momentos da vida da pessoa para além do cenário atual.

Concordando com González Rey (2012):

A moral se expressa através das necessidades de quem atua, o que leva a ideia de uma moralidade centrada no universal a um beco sem saída. Isso porque cada indivíduo



expressa seu comportamento moral nos espaços que visualiza e isso, geralmente, faz com que ele esteja sempre se arriscando a comportamentos pouco morais sobre os quais não tem necessariamente consciência (González Rey, 2012, p. 165).

Compreende-se, portanto, a partir do exposto, que estudar a moralidade transcende qualquer atribuição linear, determinista e universalista. Dessa forma, faz-se premente incluir os diversos elementos da vida que estão recursivamente organizados na dimensão subjetiva de uma produção moral. Ou seja, não há como dissociar a subjetividade, individual e social, do estudo dos processos morais, que estão a todo tempo atuando nas produções da pessoa.

### **1.3.1. As Categorias Subjetividade, Sentido Subjetivo, Configuração Subjetiva e Sujeito para se Pensar Processos Morais**

Os processos morais serão estudados a partir da Teoria da Subjetividade, elaborada por González Rey (2002, 2007a, 2012). Sua discussão se baseará nas categorias subjetividade, sentido subjetivo, configuração subjetiva e sujeito. Nessa perspectiva, prioriza-se o modo como o sujeito organiza subjetivamente a própria experiência ao produzir frente às diferentes situações de vida, favorecendo o estudo da dimensão subjetiva ao abarcar aspectos sociais e pessoais na compreensão da moralidade; além de trazer uma contribuição heurística para se pensar essa temática, ao apontar uma qualidade específica da psique humana: a unidade simbólica e emocional (Gonzalez Rey, 2011).

A partir dessas contribuições, portanto, é possível estudar processos morais distanciando-se de uma compreensão estática da constituição de diferentes valores de uma pessoa, caracterizada por uma noção apriorística e inflexível da moral; o que favorece a ênfase ao contínuo e dinâmico processo de desenvolvimento humano, em nível singular.

A categoria subjetividade em uma perspectiva cultural e histórica proposta por González Rey (2002, 2007a, 2013) enquanto uma dimensão em constante processo de

desenvolvimento evidencia um sujeito ativo que produz a partir daquilo que sente e simboliza em relação às suas diferentes experiências, constituindo-se de uma produção subjetiva (González Rey, 2011). Nesse entendimento, a subjetividade é uma produção humana, e não a “internalização” de fatores externos à pessoa. Destaca-se, ainda, que cada produção é diferente, e jamais um resultado linear (González Rey, 2007b).

Tal compreensão, portanto, possibilita divergir de definições universais da moral, uma vez que, nesta perspectiva, ela “não é algo que caracteriza uns indivíduos em detrimento de outros (...). A moral é um processo permanente que avança na legitimação de valores necessários diante do novo só de uma perspectiva participativa e de diálogo” (González Rey, 2004, p. 166). Assim, González Rey nos ensina que:

O sentido não é guiado pelo que é bom ou pelo que é mau, pelo justo ou pelo injusto, estabelecidos a partir da dimensão do comportamento que é o que caracteriza tanto o sentido comum como as instituições sociais. O sentido é guiado por aquilo que o sujeito sente e que nos leva a tentar conhecer a produção social dessa forma de sentir (González Rey, 2004, p. 55).

Nesse sentido, a moral é uma produção emergente da reflexão do sujeito frente a situações que têm sentido para ele. Tal reflexão alcança elementos de sentidos já produzidos em outros momentos da vida, e que se encontram recursivamente organizados na dimensão subjetiva (González Rey, 2012). Sendo a moralidade, portanto, tanto uma produção da pessoa como também de grupos sociais específicos, que desenvolvem suas condições de relações e trocas sociais, jamais será somente um “reflexo” de aspectos externos à dimensão subjetiva. Nesse entendimento, ao discutir moral deve-se levar em conta “as necessidades individuais que aparecem como expressão necessária do modo de vida do homem e de suas relações sociais em um determinado momento histórico” (González Rey, 1989, p. 149).

Por exemplo, a expressão moral de jovens hoje pode variar entre o egoísmo e a generosidade, conforme os sentidos subjetivos que cada um produziu mediante reflexões de diferentes momentos que foram importantes em suas vidas, que tiveram sentido para eles, e que se desdobraram em um comportamento moral ou imoral, a depender do momento concreto da ação. Não existe, portanto, um processo racional que está sempre associado a um comportamento moral (González Rey, 2012).

Assim, em decorrência da essencialidade da sua discussão e de modo a melhor explicitar os desdobramentos dos aspectos singulares e sociais, ao definir subjetividade González Rey (2002, 2005) utiliza-se de duas categorias: a subjetividade individual e a social. Reitera-se que o autor não está definindo subjetividade individual, por exemplo, como categoria intrapsíquica. A subjetividade individual diferencia-se da social, porém se constituem reciprocamente (González Rey, 2002, 2005).

A subjetividade individual distingue a história singular do jovem, ou seja, permite evidenciar a maneira diferenciada que se organizaram no sujeito distintos processos morais diante de suas próprias experiências, conjuntamente à sua história de vida (González Rey, 2002). Nesse sentido, uma vez que a subjetividade individual emerge nas expressões e ações do sujeito, tem-se a possibilidade de explorar, em um contexto de pesquisa, diferentes processos morais dos jovens, que se configuraram tanto em relação a si mesmo como, por exemplo, a perseverança, a coragem, bem como aqueles que se configuraram em relação aos outros e a sociedade, como a lealdade, o respeito, a honestidade; sendo que todos foram configurados historicamente na dimensão subjetiva da pessoa, frente às suas produções. Dessa forma, a integração de todo esse processo é única da pessoa que o produz.

Por outro lado, a subjetividade social enquanto um sistema complexo, reúne os diferentes sentidos subjetivos produzidos nos espaços sociais, presentes em diferentes

processos das relações humanas (González Rey, 2005, 2013). Conforme apontado por González Rey (2013):

A subjetividade social adquire sentidos subjetivos diferentes em cada pessoa. As pessoas são parte essencial dessa produção, com o que o social não pode ser considerado em sua dimensão subjetiva algo externo ao indivíduo, mas sim o sistema dentro do qual se desenvolve a subjetividade individual através das práticas e atividades das pessoas (González Rey, 2013, p. 275).

Nesse entendimento, como exemplo, podemos citar que cerimônias doutrinárias que impõe uma moralidade são produções subjetivas sociais, que determinadas em um contexto social, também são expressas em ações individuais das pessoas. Por exemplo, algumas religiões no Brasil somente aceitam que seus adeptos realizem seus matrimônios entre si. Desse modo, geram-se desdobramentos na subjetividade individual relacionado à produção de sentidos subjetivos sobre o outro, interferindo na forma como a pessoa vivenciará momentos de seus relacionamentos interpessoais, podendo gerar preconceitos e isolamento social. Ou seja, para algumas pessoas a moral poderá constituir-se como um patrimônio ou uma subordinação, limitando o escopo de suas ações, e para manter atributos morais que são “autodenominados”, acabam se apegando a essas liturgias para legitimarem suas posições (González Rey, 2012).

Dessa forma, a subjetividade social poderá ser compreendida:

Configurada de modo diferenciado nos espaços de vida cotidiana do sujeito através dos recursos e processos mais desenvolvidos da sociedade atual, como a internet, a televisão, o cinema, a imprensa, etc., sendo todos eles momentos permanentes de encontro entre as pessoas e os processos e modos de organização dominantes na subjetividade social (González Rey, 2013, p. 275).

Nesse entendimento, portanto, um adequado cenário de pesquisa poderá favorecer ao pesquisador a interpretação e a construção de aspectos importantes obtidos no diálogo com os

participantes, permitindo abordar uma relação entre subjetividade social e a produção moral, de forma que torna possível conhecer alguns aspectos da cultura, sociedade e política, que têm sido subjetivados pelos participantes; sempre considerando expressões singulares, pois, como exposto anteriormente, a subjetividade social irá adquirir sentidos subjetivos particulares em cada um.

Um dos conceitos que contribuem na direção da possibilidade de se pensar o social enquanto expressão humana, é o de sentido subjetivo. A importância de tal categoria faz-se devido à evidência em que situa a produção singular do sujeito frente aos processos subjetivos que configuram seu modo de ser e pensar em relação ao mundo, o que influencia os pensamentos e a maneira de lidar com as situações da sua vida (González Rey, 2002, 2012).

Assim, por exemplo, quando uma pessoa pratica um ato solidário a outra, é um comportamento concreto que reúne sentidos subjetivos relacionados ao modo como diferentes desdobramentos históricos e atuais da própria vida foram organizados pela pessoa, ou seja, existem diferentes sentidos subjetivos associados à ação solidária da pessoa e que estão presentes simultaneamente nesse ato. Além disso, nessa relação da produção subjetiva, pode-se evidenciar, por exemplo, que um ato solidário, aparentemente motivado por altruísmo, na produção de sentido pessoal/social, pode evidenciar que foi orientado por sentidos individualistas.

Desta forma, González Rey nos ensina (2007a):

O sentido subjetivo é a forma pela qual a multiplicidade de elementos presentes na subjetividade social, assim como todas as condições objetivas de vida do mundo social, se organizam numa dimensão emocional e simbólica, possibilitando ao homem e a seus distintos espaços sociais novas práticas que, em seus desdobramentos e nos processos emergentes que vão se produzindo nesse caminho, constituem o desenvolvimento humano em todos os seus aspectos, dentro dos novos contextos de organização social

que, por sua vez, participam da definição desses processos e se transformam no curso dos mesmos (González Rey, 2007a, p. 174).

Desta maneira, os sentidos subjetivos emergem a partir das produções da pessoa, ou seja, não se dão *a priori* e tampouco têm uma origem linear externa, sendo apreensíveis a partir das construções do pesquisador frente às expressões da pessoa. Nessa compreensão, portanto, não existe um elemento da moral que, discutido sem referir-se à pessoa, determinará um comportamento, por exemplo, de modo que aspectos exteriores somente poderão ser subjetivamente configurados dependendo da singularidade das emoções desta pessoa. Nesse sentido:

A organização de uma expressão moral não se garante apenas pela compreensão e o juízo. As emoções que se integram no espaço simbólico de um valor moral são decisivas no sentido subjetivo que ele terá para o sujeito e constituem um aspecto central da capacidade da pessoa para se conduzir de acordo com esse valor, para desenvolver posições carregadas desse sentido subjetivo (González Rey, 2006, p. 37).

Outro conceito de fundamental importância neste estudo é o de configuração subjetiva, responsável por integrar todos os elementos que compõem a subjetividade social e individual do sujeito (González Rey, 2011). Ou seja, a configuração subjetiva é constituída pelos sentidos subjetivos, em que a organização desses sentidos dependerá das produções do sujeito frente às situações que vivencia; o que favorecerá um comportamento moral ou imoral.

Ressalta-se que uma determinada configuração subjetiva poderá favorecer a emergência de novos sentidos subjetivos, que então poderá alterar a própria configuração subjetiva, o que possibilita estudar a dinâmica processual e em permanente desenvolvimento da subjetividade humana, não permitindo, assim, o estudo de uma moral estática, internalizada, ou situada fora do contexto e do sujeito em questão (González Rey, 2013).

Nesse mesmo entendimento, podemos dizer que certas configurações subjetivas se tornam particularmente relevantes em um dado momento do desenvolvimento, no sentido de conduzir a diferentes sentidos subjetivos, que por sua vez integram-se e definem um novo momento subjetivo nesse processo, influenciando outros núcleos de sentido e da configuração do desenvolvimento da pessoa.

A partir dessas contribuições, podemos dizer que o valor heurístico do conceito de configuração subjetiva é como ele permite explicar o modo como o desenvolvimento acontece por meio de diferentes esferas da ação humana; além de apontar que qualquer fenômeno deve ser estudado profundamente, impossibilitando a existência de determinações apriorísticas (González Rey, 2009a), resultando, portanto, na impossibilidade de se conceber qualquer atividade universal que poderia ser considerada em qualquer período de desenvolvimento da pessoa. Assim, tem-se em consideração que qualquer processo é sempre um processo singular.

Por último, a categoria sujeito nesta perspectiva distingue-se das demais teorias psicológicas por remeter-se às pessoas e aos grupos sociais que são capazes de gerar caminhos alternativos próprios de produção subjetiva frente a diferentes espaços sociais, o que favorece a posição ativa diante de situações que a vida apresenta (González Rey, 2002, 2007a, 2012). Ressalta-se, porém, que uma pessoa não será sempre sujeito em todas as esferas da sua vida. Dessa forma, reconhece-se a processualidade do desenvolvimento, em que uma pessoa poderá ir tornando-se sujeito diante da sua trajetória de vida, não sendo uma qualidade inata ou permanente, e que também não necessariamente ocorrerá.

Conforme nos ensina González Rey (2013, p. 271), a “inseparabilidade, essa tensão permanente entre a organização subjetiva de uma pessoa e sua produção subjetiva em diversas ações, é condição essencial da definição da categoria de sujeito”, possibilitando, assim, pensarmos na condição de sujeito moral, distanciando-se da ideia de moralidade perfeita. Nessa compreensão, portanto:

O comportamento moral é um comportamento produzido através da reflexão do sujeito sobre situações que têm sentido para ele. O sujeito é responsável pela construção moral de sua trajetória individual, e não de abandonar sua trajetória individual em nome da moral (González Rey, 2012, p. 164).

Ou seja, considerar a pessoa como responsável pela sua própria produção moral é uma das grandes contribuições desta perspectiva para se pensar essa temática (González Rey, 2012). Nesse sentido, por exemplo, observa-se que existem diferentes compreensões sobre a solidariedade. Para algumas pessoas é um ato direcionado a favor de outro, enquanto para outras não se faz tão abrangente, adotando apenas um hábito de viver sem causar danos à sociedade e aos cidadãos para o bem coletivo. Assim, essas percepções da solidariedade estão relacionadas à forma como a pessoa configurou os sentidos subjetivos em relação à solidariedade, que, por sua vez, está associado à história pessoal, as experiências pelas quais passou, aos modelos que teve no decorrer dos anos e à importância que o outro tem em sua vida. Ou seja, ser solidário perpassa qualquer manifestação de certo comportamento concreto que o caracteriza, mas sim, será definido pelo sentido subjetivo que pode emergir em uma determinada ação (González Rey, 2013).

Nesse entendimento, portanto, não há como dizer que existe um comportamento moral comum a todas as pessoas, uma vez que a moralidade aparece em sentidos subjetivos particulares das configurações subjetivas. Dessa forma, o que é moral em determinado contexto não necessariamente terá a mesma significação em outro (González Rey, 2010). Além disso, deve-se ter em conta os desafios e contradições ao produzir teoricamente sobre este tema. Como tão bem pontua González Rey (2012, p. 165): “a categoria de sentido subjetivo lança um grande desafio, pois, paradoxalmente, a produção de sentidos morais que se possam expressar em uma reflexão ou em um determinado estado emocional pode se transformar na base subjetiva de um comportamento imoral”.



Assim, podemos ainda pensar que considerar a processualidade dos fenômenos humanos possibilita explicar, por exemplo, hipoteticamente porque uma pessoa que expressa uma moral tal, consoante com uma “moralidade desejável”, em um determinado momento assume uma posição considerada totalmente “imoral”, atuando de acordo com a emergência de uma nova produção subjetiva articulada à configuração subjetiva atual, da ação.

Frente ao exposto e considerando a perspectiva em questão, diferentemente de buscar compreender a moral enquanto fenômeno abstrato e externo à pessoa, este trabalho teve como objetivo explorar os processos subjetivos da moralidade, considerando que são configurados a partir da produção da pessoa diante as diversas esferas históricas e atuais da sua vida. Destaca-se por fim que, sendo o desenvolvimento um processo contínuo, comprometido com a produção de sentido subjetivo, não podemos ignorar a importância do estudo da moralidade, sendo parte ativa em meio aos sistemas de relações sociais, que se desdobra em diferentes formas e está envolvido em diferentes processos de produção e subjetivação a nível individual e social.

#### **1.4. Educação e Desenvolvimento de Processos Morais: Possibilidades de Articulação mediante uma Perspectiva Cultural-Histórica**

Estudar a expressão da moralidade em jovens brasileiros possibilitou a inclusão da discussão, no presente trabalho, sobre contribuições acerca de possibilidades educativas levando em consideração relações que promovem certos processos subjetivos relacionados aos processos morais, favorecidas pela Teoria da Subjetividade numa perspectiva cultural-histórica, que concebe a educação enquanto uma atividade que implique uma relação social que faça sentido para a pessoa, e que então poderá se desdobrar na produção de novos sentidos subjetivos, como, por exemplo, uma atividade cultural ou uma consulta terapêutica (González Rey, 2009a).

Nesse sentido, sendo a educação um processo, é possível considerá-la também enquanto favorecedora de desenvolvimento humano, de forma que se torna viável discuti-la em todos os contextos em que há relação humana. Assim, podemos falar em uma relação intrínseca entre educação e desenvolvimento humano (Mitjans Martínez, 2008; Tacca & González Rey, 2008), de modo que a educação, ao caracterizar-se por um processo favorecedor da emergência de sentidos subjetivos frente às diferentes vivências da pessoa, poderá ser promovida mediante os mais diversos espaços sociais e, portanto, relacionais.

Nessa compreensão a educação não se resume à exclusividade do ambiente escolar ou familiar, indo além de qualquer expressão intelectual caracterizada pelo acúmulo de conteúdo. González Rey (1997) aponta que a escola serviu como um aparato ideológico para separar a educação do cenário social, sendo, porém, de suma importância que a educação seja de responsabilidade da sociedade, abrindo suas dimensões para além da instituição escolar.

Dessa forma, conforme nos ensina González Rey (2009a):

El aprendizaje como cualquier actividad humana se convierte en un proceso de desarrollo cuando estimula nuevos recursos psíquicos capaces de expresarse en procesos que toman nuevas formas cualitativas, y que se mantienen en transformación, generando nuevos recursos psicológicos y nuevas realidades personales que desafían al sujeto, manteniendo de esa manera la tensión del desarrollo. Todo proceso de desarrollo es un proceso generador que trasciende la actividad que lo estimuló (González Rey, 2009a, p. 4).

Portanto, ao considerar um amplo cenário educativo, caracterizado pelas diferentes dimensões da vida da pessoa, pode-se dizer que as relações que permeiam os espaços sociais das pessoas potencializam a emergência de certos processos subjetivos relacionados, em consonância com o presente trabalho, à moralidade, favorecendo um processo educativo e de desenvolvimento humano. Assim, a perspectiva em questão propicia uma visão que traz em

primeiro plano aquele que está implicado em seu processo, ou seja, o sujeito que aprende (González Rey, 2006).

Nessa compreensão, pode-se pensar na possibilidade de relações e encontros dialógicos se desdobrarem em fontes de processos fortalecedores de atuação e modificação de si mesmos, bem como da dimensão social em que estão inseridos; uma vez que momentos de reflexões potencializam representações próprias acerca, no caso deste estudo, da moralidade. Nesse sentido, momentos em que os jovens observaram seus posicionamentos frente a temas complexos, favorecem, possivelmente, definições singulares em relação à própria moral. Por exemplo, diferentes expressões de valores como a segurança, a crença em si mesmo e a responsabilidade pelo seu próprio crescimento, se expressaram de forma autêntica, de forma que foi possível estudar a temática da moralidade a partir da relação que foi construída.

Frente ao exposto, esta pesquisa também buscou envolver a temática da Educação, considerando-a em seu sentido amplo, expressão das diferentes esferas e manifestações da vida humana, onde se inclui o diálogo, abarcando outras dimensões do conhecimento humano voltadas para as emoções e sentimentos, para além do lustroso acúmulo intelectual. Discute-se, assim, a educação também no sentido de desenvolver relações que favorecem o posicionamento ativo e reflexões aos jovens, voltando o olhar para suas potencialidades, como forma de recursos subjetivos ao seu próprio desenvolvimento, e para que este não seja apenas uma mera reprodução da expressão cultural dos seres humanos (González Rey, 2006).

## **2. Objetivos**

### **2.1. Objetivo geral**

- Compreender processos de produção subjetiva de um grupo de jovens associados à moralidade, considerando expressões singulares.

## **2.2. Objetivos específicos**

- Compreender a produção de sentidos subjetivos dos jovens frente a temas polêmicos e associados a aspectos da moralidade;
- Explicar expressões de valores morais em jovens diante de situações de conflito ocorridas no curso da pesquisa.

### 3. Capítulo Epistemológico e Metodológico

#### 3.1. A Epistemologia Qualitativa

A fim de estudar processos subjetivos da moralidade, faz-se necessária a abrangência de fenômenos configurados sob uma profunda produção subjetiva da pessoa em relação a sua história de vida e ao seu contexto, dimensões não consideradas em outras perspectivas metodológicas. Diante disso, o presente estudo apoiou-se nos pressupostos da Epistemologia Qualitativa, proposta por Gonzalez Rey (1997, 2005).

Existem três princípios deste pressuposto que norteiam a pesquisa: a primeira destaca-se por considerar o conhecimento como produção construtiva interpretativa; já a segunda legitima a importância da singularidade na produção do conhecimento; e, por último, a relação entre o pesquisador e pesquisado deve acontecer pela interação de ambos (González Rey, 2002).

Ao afirmar que o conhecimento é construtivo-interpretativo, González Rey enfatiza seu caráter não representacional e não linear em relação à realidade, considerando-o como produção sobre o vivido, na qual se integram as dimensões emocional e imaginária. Dessa forma, supera-se o nexos causal linear atribuído frequentemente aos processos humanos, sendo possível ultrapassar o imediatismo empírico.

Nesse sentido, tanto as coletas empíricas de dados, como a generalidade indutiva dos resultados como processos abstratos, tornam-se irrelevantes. Trata-se pelo contrário, de legitimar o singular na produção do conhecimento científico, em um caminho que é, portanto, ativo e construtivo. Nesse entendimento, faz-se imprescindível a compreensão da ação do sujeito considerando a sua complexa organização subjetiva, que envolve tanto o social quanto o singular.

Conforme González Rey (2005) ensina:

O valor do singular está estreitamente relacionado a uma nova compreensão acerca do teórico, no sentido que a legitimação da informação proveniente do caso singular se dá através do modelo teórico que o pesquisador vai desenvolvendo no curso da pesquisa (González Rey, 2005, p. 11).

Por fim, é de suma importância a interação entre pesquisador e participante, algo essencial para o êxito da pesquisa nesta perspectiva, uma vez que a relação entre ambos poderá favorecer um clima do cenário que irá estimular a pessoa a querer voluntariamente se envolver no diálogo e relatar suas experiências.

### **3.2. O Processo de Construção da Informação**

No processo de construção da informação, o teórico não é “aplicado” forçosamente no empírico, mas constitui-se enquanto conjunto de ferramentas intelectuais, que favorecem a significação dos fenômenos estudados, pela via interpretativa, sendo o pesquisador de suma importância nesse processo, pois é responsável por articular elementos da pesquisa de campo aparentemente dispersos, por meio da construção de indicadores, e que, unidos, promoverão inteligibilidade sobre o fenômeno estudado (González Rey, 1997, 2005, 2012). Destaca-se que esse processo é propiciado pelo espaço dialógico em que ocorre a pesquisa e pelo papel ativo do pesquisador e participante.

A interpretação das informações acontece durante todo o processo da pesquisa. Portanto, não existe um “dado” provindo do valor abstrato de um elemento, mas diferentes construções tecidas a partir de uma rede complexa de significados. Com base nos trechos de informação contidos na fala e escrita, e na articulação estabelecida entre eles, são construídos alguns indicadores que são como “peças hipotéticas” que vão se articulando e tecendo as hipóteses mais abrangentes do presente estudo, desenvolvendo o processo de construção da

informação. Dessa forma, as hipóteses nessa perspectiva teórica são construções em constante desenvolvimento, que vão integrando a complexidade de todo o processo desenvolvido na pesquisa rumo a aspectos mais concretos.

A inter-relação das hipóteses resulta no modelo teórico (González Rey, 2012), que, por sua vez, representa a progressiva tessitura das construções interpretativas elaboradas a partir de uma relação de tensão entre o pensamento do pesquisador e o campo estudado. Nesse sentido, o modelo teórico permite alcançar dimensões que de outra forma não estariam visíveis sob a observação direta.

### **3.3. Participantes**

Participaram desta pesquisa oito jovens estudantes universitários, de diferentes semestres do curso de Psicologia de uma Universidade particular de Brasília – DF. A seleção destes jovens se deu a partir da disponibilidade de cada um, aceitação e interesse em participar da pesquisa.

Os critérios de exclusão referiram-se àqueles que não preencheram os critérios acima, bem como a pessoa que desistisse participar da pesquisa. Não houve qualquer critério de exclusão quando ao gênero, estado civil, classe social ou se era parte ou não da população economicamente ativa.

Após explicar em um primeiro momento aos interessados sobre o desenvolvimento da pesquisa, e posterior aceitação destes em participar, realizei um primeiro encontro individual com cada participante, com o objetivo de explicar detalhadamente a pesquisa, marcar o primeiro encontro com o grupo, e para a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (anexo A).

Abaixo consta uma tabela com os nomes (fictícios) e idades dos participantes da pesquisa. Destaca-se que no decorrer do processo de análise e construção da informação, que compõe a discussão deste trabalho, serão abordadas diferentes informações dos participantes.

<b>Nomes (fictícios)</b>	<b>Idade</b>
<b>Caio</b>	<b>24 anos</b>
<b>Ana</b>	<b>21 anos</b>
<b>Alex</b>	<b>18 anos</b>
<b>Bia</b>	<b>24 anos</b>
<b>Carla</b>	<b>23 anos</b>
<b>Sara</b>	<b>22 anos</b>
<b>Rosa</b>	<b>23 anos</b>
<b>Lucia</b>	<b>25 anos</b>

### **3.4. Construção do Cenário da Pesquisa**

O cenário da pesquisa deve-se constituir de um espaço permeado pela confiança e pelo vínculo entre participantes e pesquisador para o desenvolvimento da pesquisa (González Rey, 2005). Desse modo, tornaram-se imprescindíveis aproximações junto aos participantes que visassem um diálogo aberto e que favorecessem a livre expressão e a criação do vínculo.

Além disso, a construção deste cenário é a constituição de um espaço propício para expressões subjetivas, privilegiando o envolvimento subjetivo dos participantes, o que favorece posicionamentos críticos e reflexivos frente aos diálogos estabelecidos; ou seja, um espaço convertido em portador de sentido subjetivo (González Rey, 2005). Assim, para o presente trabalho, procurei estabelecer, para os encontros, um aconchegante cenário social da pesquisa, a fim de motivar os participantes a participarem da experiência.

A realização desta pesquisa foi composta por dois momentos: um primeiro, em que os encontros foram grupais, tanto para assistirem ao filme, que foi seguido de debate, quanto para responderem ao questionário aberto (anexo B) e dialogarem sobre as respostas; e um segundo momento, que consistiu em encontros individuais para a dinâmica conversacional e o preenchimento do complemento de frases (anexo C). A seguir, descrevo como estes encontros



ocorreram. Ressalto que as expressões obtidas diante dos diferentes instrumentos utilizados, individuais e grupais, foram utilizadas para aprofundar a análise e construção dos estudos de caso.

Primeiramente, após finalizar a seleção dos participantes, encontrei-me individualmente com cada um, para explicar-lhes o motivo desta pesquisa e como seria a sua participação. Após todos os esclarecimentos, solicitei a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (anexo A), e marquei o primeiro encontro, também individual, em que realizei uma dinâmica conversacional no espaço da Universidade, com duração média de 30-45 min., a fim de obter algumas informações acerca da história de vida, do momento de vida atual, procurando incluir no diálogo referências sobre suas concepções e vivências. Em seguida aos encontros individuais, marquei o próximo encontro, que seria o grupal.

No segundo encontro com os participantes, que foi o primeiro encontro em grupo, em um cenário acolhedor no qual estavam somente os participantes e a pesquisadora, foi mostrado o filme “Aimée & Jaguar”. Baseado em fatos reais, o filme relata a história amorosa entre duas mulheres, que aconteceu na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Uma delas é Lilly Wust, alemã, casada e três filhos. A outra é Felice Schragenheim, homossexual assumida e judia. Felice se apaixona por Lilly e faz de tudo para conquista-la, até que consegue. O esposo de Lilly era um soldado nazista, e eles viviam um casamento pacato. Com a aproximação de Felice, o mundo “equilibrado” de Lilly começa a passar por difíceis transformações, após vivenciar sentimentos profundos ao fazer sua escolha por ficar com a mulher. Por mais que a sociedade excluísse os judeus e os homossexuais, mesmo enfrentando perigos a todo instante, elas arriscaram tudo para viver esse amor. Felice, mesmo podendo morrer a qualquer momento, deixa a oportunidade que teve de fugir com as colegas, para ficar com Lilly.

Após o término do filme, neste mesmo dia, foi aberto um debate acerca dos diversos temas que surgiram na trama que os participantes haviam acabado de assistir, de modo que foi

explorado o que foi sendo trazido por eles. Essa atividade desdobrou-se em um momento muito significativo para a construção deste trabalho, pois pude perceber que os participantes estavam realmente implicados emocionalmente naquela ocasião. Todos contribuíram com seus posicionamentos, vários pontos de vistas foram colocados, contrastados, e o diálogo durou cerca de 1h30min. Ressalto, como forma de me aproximar mais dos participantes, que mantive contato constante com eles desde o início, tanto por mensagens, quanto por e-mails.

O segundo encontro grupal consistiu em responder ao questionário aberto (anexo B), seguido de dinâmica conversacional a respeito dos elementos das respostas dos jovens ao questionário. Esse instrumento continha perguntas abertas, a fim de provocar produções escritas singulares acerca de situações que envolvem a moralidade, agregando um aspecto de sentido subjetivo suscetível de trazer novas informações em relação ao debate já realizado.

A aplicação de questionário teve como finalidade compreender perspectivas pessoais e conhecer mais profundamente as produções subjetivas destes jovens. No momento inicial do encontro, procurei trazer algumas das questões discutidas no debate, tentando retomar algumas ideias, de modo a facilitar a disposição dos jovens para responder ao questionário.

Os momentos de grupo favoreceram a compreensão de algumas complexas relações entre a subjetividade do jovem e como ele elabora o mundo social, a cultura e os diferentes fenômenos que permeiam suas vivências, que são parte do que ele expressa em suas ações cotidianas e que também estão recursivamente organizados na dimensão social de qualquer espaço.

Por fim, foi realizado um último momento com cada participante e em ocasiões separadas, no espaço da Universidade, em uma sala previamente reservada, para a aplicação do complemento de frases (anexo C), seguido de dinâmica conversacional sobre as respostas dadas a este instrumento. O encontro teve a duração de aproximadamente uma (1) hora.

A partir dos encontros com o grupo, me interessei particularmente com o que uma participante trazia em seus relatos, observado pelos seus posicionamentos autênticos em relação às diferentes esferas de sua vida. Nesse sentido, destaquei especial atenção ao estudo de caso Ana, dedicando-o em um tópico separado na análise e construção da informação. Já em um segundo tópico, apresento diferentes estudos de caso de maneira mais sucinta, em que procurei tecer uma articulação entre as diversas expressões dos participantes frente aos instrumentos, utilizando-me destas para aprofundar seus estudos.

Destaca-se que durante todos os encontros e os diálogos foram considerados e valorizados os temas trazidos pelos participantes, que colocaram diversas questões norteadoras deste estudo no sentido de provocar reflexões. A partir do caráter dialógico dos encontros, foi possível compreender a emergência de emoções, reflexões, a partir do envolvimento de cada um na pesquisa.

### **3.5. Instrumentos**

Nesse referencial, os instrumentos são usados como fonte para estimular a fala do sujeito participante no contexto da pesquisa, não representando, assim, uma fonte de dados (González Rey, 2002). Dessa forma, o tipo de instrumento deve ser escolhido em relevância ao que for estudado, pois a qualidade da resposta não está em seu rigor e aplicação, mas na mobilização emocional que ele provoca no participante, favorecendo a produção de sentidos subjetivos (González Rey, 2005).

No desenvolvimento da pesquisa, os instrumentos podem ser individuais e/ou grupais. Os primeiros, caracterizam-se por situações relacionais entre pesquisador e participante, como questionário, redação e complemento de frases, onde estão mais centrados em produções individuais. Já os segundos, implicam em formas coletivas de desenvolvimento das atividades no curso da pesquisa como, por exemplo, o debate sobre um filme; sempre considerando que a

escolha e utilização de qualquer instrumento serão específicas tendo em conta uma realidade concreta. Destaca-se que discussões grupais podem ser vias de se estudar produções individuais (González Rey, 2005).

Na presente pesquisa, os principais instrumentos utilizados a fim de compreender a produção subjetiva dos processos morais foram: dinâmicas conversacionais, apresentação de filme seguido de debate, aplicação de questionário aberto (anexo B) e respostas ao complemento de frases (anexo C).

A dinâmica conversacional destaca-se por ser um processo de diálogo a partir do qual o pesquisador, tendo em vista seus objetivos de pesquisa, baseia-se naquilo que parece ser relevante para o outro (González Rey, 2005), ultrapassando o caráter enrijecido do formato hegemônico de “entrevistas” que geralmente são utilizados nas pesquisas. A intenção é constituir uma relação na qual ambos, participantes e pesquisador, se encontrem emocionalmente implicados. Assim, sem delineamentos fixos *a priori*, buscam-se expressões carregadas de produções subjetivas, onde o pesquisador terá elementos para produzir teoricamente frente a isso (González Rey, 2005).

Já a utilização de filme seguido de discussão grupal é uma proposta que favorece ao pesquisador, durante a construção da informação, expressões não conscientes de elementos subjetivos relacionados à temática da moral, configurados enquanto sentidos subjetivos a partir da singularidade das vivências históricas e atuais de cada jovem. Portanto, como um recurso metodológico, tal instrumento foi de suma importância, uma vez que possibilitou compreender informações vindas do grupo de jovens provocadas pelo debate, ao expressarem de maneira diversa a partir do significado produzido por diferentes subjetividades em relação ao que foi assistido e discutido; tornando possível abarcar diferentes indicadores para tecer hipóteses no processo de construção da informação.

O questionário do tipo aberto, enquanto um instrumento escrito, representa oportunidade de expressão de sentidos subjetivos diversos, permitindo abarcar dimensões as mais amplas possíveis desses sentidos e das produções simbólicas que são parte das configurações subjetivas de cada participante (González Rey, 2005). O questionário (anexo B) contou com um número pequeno de perguntas abertas, e representou um sistema de indutores orientados em seu conjunto a facilitar expressões amplas dos participantes, buscando informações complementares aos outros instrumentos utilizados.

Por último, o complemento de frases (anexo C) é um instrumento que contém indutores curtos que serão completados pelo participante, oferecendo ao pesquisador diversas opções de construção qualitativa. Esse instrumento favorece a construção dos diferentes sentidos subjetivos e processos simbólicos, tendo em conta as diversas expressões das pessoas. Faz-se importante destacar que os sentidos subjetivos são construções do pesquisador, que permitem visualizar aspectos subjetivos do comportamento real, que configuram na dimensão subjetiva da pessoa. Ressalta-se, por fim, que a utilização desse instrumento deve acontecer somente após a criação de um vínculo (González Rey, 2005).

## **4. Análise e Construção da Informação**

### **4.1. Breves Considerações Iniciais**

Conforme já explícito anteriormente, este capítulo é composto por dois momentos: primeiramente, apresenta-se unicamente a construção da informação a partir de um estudo de caso – Ana; e, segundo, desenvolve-se a construção a partir de estudos de caso, dando maior ênfase, no entanto, às expressões que compuseram as atividades grupais. Em ambos momentos, são explorados alguns dos posicionamentos e expressões dos jovens que favoreceram a realização deste trabalho, tendo em conta o objetivo principal da pesquisa.

Nesse sentido, buscou-se enfatizar, estudar e discutir, alguns dos processos morais dos participantes, mediante fundamentos da Teoria da Subjetividade, numa perspectiva cultural-histórica. Destaca-se que, nesta perspectiva, atribui-se importância à abertura de novas zonas de sentido, alcançadas a partir da abrangência de uma pesquisa que vai além do momento atual, pois, o processo de desenvolvimento de uma teoria acontece de maneira ininterrupta. Compreende-se, assim, que este tudo é parcial. Tem-se em conta a possibilidade de gerar inteligibilidade sobre processos morais, distanciando-se de qualquer esforço que visasse empreender uma explicação geral sobre a moralidade.

### **4.2. Sujeito do Comportamento Moral: um Estudo de Caso**

Nesta parte da construção da informação são abordados alguns dos processos subjetivos de uma participante, Ana, tendo em conta aspectos da moralidade, considerando a singularidade e a complexidade de processos históricos e culturais que envolvem suas produções subjetivas. Nesse sentido, as construções tecidas remetem-se à capacidade reflexiva e de produção de sentidos próprios de uma jovem, tendo em conta diferentes esferas da sua vida. Seu modo de ser e pensar em relação às situações evidenciou a estruturação de um campo

moral autêntico frente às próprias concepções daquilo que acredita e se empenha em concretizar.

Ana tem 21 anos, é solteira e cursa Psicologia em uma universidade particular de Brasília. É a filha caçula e reside com os pais. Uma jovem simpática e determinada. Ela trabalha em uma empresa na área de recursos humanos. Nos encontros individuais, utilizei-me da dinâmica conversacional e complemento de frases, além de sua participação nos momentos grupais. Primeiramente trago um trecho da sua resposta ao questionário sobre o que ela pensava do cidadão brasileiro:

Penso que os cidadãos brasileiros, assim como os de outros países, precisam de uma educação que mostre que o ser diferente e ser normal é uma construção cultural. As pessoas precisam respeitar as escolhas das outras pessoas mesmo que não concordem com ela.

Neste trecho, observa-se claramente um direcionamento crítico ao papel insatisfatório que a educação tem desempenhado na sociedade atual, justificado por sua ineficácia junto à promoção de **tolerância à diversidade**. É interessante notar como Ana traz basicamente a ideia do **respeito ao outro** quando indagada sobre o que achava do brasileiro o que, pelo caráter indireto da demonstração desta informação, usado por ela como critério valorativo para organizar sua expressão, pode ser um indicador de que o **respeito** pelo outro é um valor moral para Ana, que, por sua vez, pode estar ligado a valores significativos que marcam seu próprio meio social, familiar e/ou cultural. Além disso, podemos pensar como este trecho evidencia um aspecto forte da subjetividade social brasileira, relacionado à dificuldade em lidar com a opinião do outro.

Nesse sentido, durante o debate em grupo que tinha como objetivo discutir algumas temáticas do filme, como a homossexualidade e o preconceito, e a inserção destes temas nos ambientes sociais, Ana disse:

É muito difícil você debater temas polêmicos dentro da faculdade, sempre as pessoas irão trazer valores, não que eu esteja julgando, mas elas sempre carregam visões pré-concebidas daquilo. Então sempre alguém vai, de certa forma, apelar, ou vai falar que não, que isso não é certo, que isso está errado, então é muito difícil... O que pode ser certo para mim, pode não ser certo para ele, mas e aí? A gente vai debater isso até quando?

Neste trecho, a participante novamente remete-se a ideia de ausência de flexibilidade no que tange à aceitação da diversidade de opiniões tendo em conta o que é certo ou errado, além de destacar a impossibilidade do diálogo diante de posição expressa por aqueles que pensam de maneira diferente; de modo que esta expressão é outro indicador do **respeito pela opinião diferente dos outros**. Além disso, podemos construir a partir desta expressão acerca da subjetividade social dos espaços de graduação em Psicologia. Muitas vezes, os alunos optam por cursa-lo de modo a comprovar muitas das teorias do senso comum. Assim, ao se depararem com o exercício da crítica, apresentam certa resistência com a divergência de opiniões.

Ao unirmos as duas últimas expressões de Ana, nota-se o prevaecimento de um **posicionamento moral autêntico** tendo em conta o lugar do outro, observado pela forma como, em situações diversas, Ana reflete da mesma maneira sobre o valor do **respeito**, o que também se faz notório no seguinte trecho, quando ela disse:

Quando eu comecei a aprender a me colocar no lugar das outras pessoas, que eu parei com essa coisa de brigar o tempo inteiro com meus pais, sabe, porque eu parei, pensei: “eles são assim, eles são assim”. E eu sou de outra forma, então eles não concordam da forma que eu sou e nem eu com a deles, sabe. **Cabe só respeitar**.

Novamente, neste trecho Ana traz **o respeito** como elemento marcante em sua expressão, se utilizando de um valor para organiza-la, o que reforça os indicadores construídos anteriormente, e evidencia sua elevada sensibilidade moral em relação à coletividade. Nesse sentido, compreende-se sua busca por evoluir-se enquanto pessoa, notado por sua capacidade em desenvolver a compreensão necessária do lugar do outro em sua singularidade.

Além disso, este último trecho, possibilita a construção de um indicador significativo de sua **determinação e firmeza rumo ao próprio desenvolvimento**, observado pela sua disposição em alterar as próprias percepções para favorecer o relacionamento familiar. Somado a isso, o modo como Ana se posiciona frente aos desafios que encontra, atribuindo a si mesma a responsabilidade de transformar o seu meio - constatado quando ela fala “cabe só respeitar”



frente à conflituosa relação com os pais optando, assim, por gerar alternativas - é um indicador de como ela se coloca como **sujeito nas situações que vivencia**.

Mais do que isso, a partir do envolvimento da família no último trecho de informação, podemos pensar que o **respeito** é um valor moral relevante relacionado à configuração subjetiva da sua relação com a família; de forma que é possível refletirmos que a produção de sentidos subjetivos relacionados a tal valor é marcada pelas suas diferentes vivências, sua história pessoal, a relação com os pais, e produções da própria subjetividade individual; que constituem sua forma de ser, de ver o mundo e agir.

A sua determinação e o seu posicionamento ativo também estão presentes no seguinte trecho sobre o seu meio familiar quando, durante o encontro em grupo, Ana colocou:

Nossa, minha família também, é extremamente machista! Meu pai extremamente machista, minha mãe extremamente preconceituosa, mas ela afirma não ser. É como eu falei, ela diria “tudo bem você ser gay, mas não faça na minha frente, não ande de mãos dadas, não me abrace... Tudo bem...”. E ela afirma “não ser preconceituosa”! Mas, levando em consideração também que a parte da família da minha mãe é toda católica então é até compreensível. Já da parte do meu pai, ele é uma pessoa mais de idade, está com 76 anos, então ele foi criado em um sistema totalmente militar e, isso não existe para ele! Para ele é frescura, é porque o seu pai não te criou direito, porque tem alguma coisa errada com você. Então, é muito difícil lidar com ele, sabe. Mas, no final, eu acho que depende mais de alguma forma você abrir espaço. Porque meus pais são assim.

Neste trecho, nota-se um posicionamento próprio de Ana em relação aos seus valores, que se diferenciam àqueles dominantes em sua família, o que permite-nos construir um indicador da sua **força como pessoa**, pois além de criticar o preconceito, Ana abarca um dos elementos sociais que compartilham desse preconceito: o tipo de religião dominante na subjetividade social brasileira.

Além disso, o modo como a participante é capaz de gerar alternativas à presença de fenômenos aparentemente imutáveis na sua vida, indica outro valor importante e, que ao mesmo tempo, se reafirma em relação ao anterior: **a posição de sujeito do seu próprio pensamento**, sua capacidade para confrontar-se com critérios rígidos e dominantes em seu meio, o que também é um indicador de que ela se expressa como **sujeito de seu posicionamento moral**.

Ou seja, além de Ana apresentar valores morais, como é possível extrair a partir de indicadores já levantados, ela também se mostra capaz de defender esses valores e de se distanciar do sistema normativo que caracteriza os diferentes espaços sociais em que atua. Ademais, ela atribui exclusivamente a si mesma a responsabilidade por provocar mudanças ao seu cenário familiar, notado pela confiança que atribui a si de abrir espaço neste meio, ao buscar produzir alternativamente aos estereótipos que o permeiam.

Ainda em relação à família, durante a dinâmica conversacional, Ana disse:

A relação com minha mãe não é nem um pouco tranquila. Eu costumo dizer que eu sou água e ela é óleo. Então, é mais fácil lidar com meu pai, apenas por ele falar pouco, e porque eu também falo pouco. Com a minha mãe é mais difícil, não é nem porque ela fala muito, mas não sei, a gente tem uma diferença muito grande, em todos os sentidos! Por isso digo que ela é óleo e eu água. É estranho, costumo dizer que não rola uma questão de você dizer aquilo de mãe e filha.

É interessante notar como nos dois últimos trechos de sua fala, ao refletir sobre alguns posicionamentos da sua família, Ana remete-se a elementos expressivos sobre o seu meio familiar, de forma que é possível, a partir deles, percebemos diferentes atitudes da participante em prol daquilo que acredita, seguindo neste **posicionamento de sujeito de sua organização moral**, observado pelo modo como ela é capaz de ter um sentido crítico de sua própria mãe e manter tal posicionamento crítico frente a ela, algo que na cultura brasileira é um aspecto relevante a ser destacado. Assim sendo, compreende-se o modo como Ana confronta e lida com sua mãe, orientada por suas próprias reflexões, não se submetendo a qualquer tipo de regulação moral externa dominante em seu meio social - guiando-se por aquilo que ela acredita.

Podemos refletir, a partir do exposto, a importância da relação com os pais na vida de Ana, de modo que a configuração subjetiva desta relação se associa à possibilidade de “abrir espaço”, o que acaba por favorecer a produção de valores como **coragem e perseverança, essenciais para modificar processos rígidos em seu contexto de vida** - o que também caracteriza o seu posicionamento como sujeito. Desse modo é possível refletirmos que, por vezes, um meio difícil pode contribuir com produções subjetivas alternativas ao estabelecido neste meio, de modo que ele passa a ser gerador de criatividade à pessoa, que constantemente

precisa se posicionar ante as situações conflituosas que o permeiam. Esse mesmo processo também fica explícito no que Ana disse sobre a relação com seus pais:

Com meus pais, sempre foi muito difícil, porque eles sempre quiseram a filha perfeita e fui sempre a filha perfeita. Então para eles tem sido um choque muito grande de realidade mesmo, de perceberem que eu tenho falhas, que eu estou crescendo. A igreja, por exemplo, eu ia por causa deles. Hoje não vou mais, então tem sido muito difícil essas mudanças. E eu já trabalhei em lugares que eu não queria porque eu precisava do dinheiro, e eu não queria pedir dinheiro para eles. Hoje eu faço um curso que gosto, trabalho onde gosto, com aquilo que gosto, mas ainda também não estou no lugar que quero chegar.

Nesta fala, Ana assume a dificuldade em lidar com os pais, todavia, ela posiciona-se efetivamente rumo a estruturar um caminho de produção própria, novamente indicando o seu posicionamento como sujeito. Neste trecho, verifica-se a presença de um valor moral, que é a **honestidade**, ao ser realista e admitir para si mesma sobre suas falhas e sobre a própria realidade conflituosa que vivencia. Nesse sentido, podemos dizer que Ana assume suas responsabilidades diante de suas percepções sobre certo e errado, direcionando-se rumo à conquista daquilo que ela acredita. Além disso, neste trecho expressa-se o seu esforço ativo, marcado pela concretização de seus interesses e atitudes frente a sua vida.

A partir deste último trecho, podemos pensar que as primeiras expressões de Ana, e a apreciação dela pelo respeito e a aceitação do que é certo ou errado, indicam elementos de uma mesma configuração subjetiva, que parecem configurar-se em parte na sua relação familiar e simultaneamente em seu espaço na Universidade. Tal forma de se pensar os processos morais expressa o valor heurístico do conceito de configuração subjetiva, que possibilita gerar inteligibilidade sobre a articulação entre a produção moral e as diferentes vivências da pessoa frente aos espaços sociais e históricos que compõem sua vida.

Interessante notar como as expressões de Ana são marcadas, em sua maioria, pelo mesmo modo de conduzir ativamente os fenômenos que permeiam suas experiências vivenciais. Nesse sentido, é possível pensar como Ana seguiu expressando diante de diferentes instrumentos a qualidade de suas produções associadas à moralidade; o que fica novamente explícito quando ela fala sobre um acontecimento marcante em sua vida:

Uma questão que eu acho que contribuiu muito, que marcou muito na verdade para eu mudar, de pensar mais um pouco nos meus pais, foi porque quando eu entrei na faculdade, uns dois meses depois eu descobri que estava grávida, então foi uma mudança drástica na minha vida, e lidar com tudo foi mais ainda! Eu só pensava que eu tinha tanto cuspidado para cima e acabou acontecendo as mesmas coisas que aconteceram com minhas irmãs, sabe... Então eu pensei muito nessas cobranças dos meus pais, foi muito difícil até eu tomar uma decisão, então eu acho que foi algo que mudou meu pensamento em relação aos meus pais um pouco.

Ana, na época, não contou a ninguém sobre o aborto, e os seus pais ainda desconhecem o que ela passou. Segundo ela, muitas das cobranças deles eram porque suas irmãs haviam engravidado muito cedo, e eles a protegiam excessivamente, com medo de o mesmo se passar com ela. É interessante pensar como uma situação difícil, um momento de crise, gerador de tensão, culminou em momento de mudança radical de uma configuração subjetiva conservadora, ainda dependente de seus pais, para outra configuração subjetiva, integrada por sentidos subjetivos diferentes que permitiram a sua emergência como sujeito. Isso caracteriza um exemplo de um desenvolvimento psíquico, de uma mudança psicológica geradora de crescimento, de forma que é possível notar que Ana saiu mais fortalecida desse conflito, e começou a estruturar um caminho próprio de desenvolvimento.

Nesse sentido, esse conflito em sua vida marcou uma abertura às próprias potencialidades, promovendo flexibilização em relação ao que ela pensava sobre seus pais. Assim sendo, é possível pensarmos que essa situação favoreceu a emergência de sentidos subjetivos tendo em conta a sua relação familiar o que, por sua vez, compõem a forma como ela vê e lida o mundo, que se expressa nos seus posicionamentos não somente na família, mas também na Universidade, e em suas diferentes colocações frente aos instrumentos. Desse modo, é possível verificarmos que, mesmo diante de expressões variadas, Ana mantém um posicionamento ativo, referindo-se, na maioria das vezes, à forma como ela lida com suas transformações; o que contribui com seu crescimento enquanto pessoa e favorece a produção de processos subjetivos relacionados à sua moralidade.

A partir do exposto até aqui, podemos perceber a dinamicidade das produções subjetivas de Ana, compreendendo a congruência de suas colocações ao lidar com aspectos

centrais em sua vida, o que reafirma o seu posicionamento de sujeito, ao conduzi-la rumo a mudanças concretas. Nesse sentido, é interessante notar como em vários trechos de diálogos ficam evidentes suas propostas de ações, o que novamente marca a seguinte expressão:

Eu sempre luto por aquilo que eu quero e por aquilo que acredito. Por exemplo, meus pais sempre quiseram que eu fizesse direito, porque na família todo mundo faz direito, então foi um baque muito grande quando eu falei que não ia fazer direito. E maior ainda quando eu passei na UNB e não fui. Me recusei a estudar lá. Então foi muito difícil. Quando eu realmente quero uma coisa, eu luto por aquilo que eu quero, não importa o que vão pensar, se eu vou ter o apoio ou não, vou atrás do que eu quero.

Neste trecho, Ana notadamente assume sua capacidade para manter-se firme em seus propósitos diante daquilo que ela considera primordial realizar em sua vida. Faz-se importante ressaltar que caso esta expressão fosse tomada isoladamente, poderia ser interpretada como irresponsabilidade, desobediência, rebeldia sem causa aparente. Esta expressão, unida à anterior, vem a ser um indicador a mais do posicionamento dela como **sujeito em suas decisões e projetos de vida futuros**. Além disso, constata-se a partir deste relato, como já colocado, que o seu posicionamento frente à família é uma importante fonte de sentidos subjetivos que se configuram nas suas decisões em relação a outras dimensões de sua vida, como a profissão.

Dessa forma, é interessante notar que as vivências de Ana em seu meio familiar conduzem-na à constante busca para alterar certas idealizações de seu meio sobre a sua própria vida, levando-a a uma reflexão crítica sobre suas escolhas e a um protagonismo dominante em suas ações. Assim, podemos pensar que esse meio familiar, com todas as suas contradições, favoreceu em grande medida que Ana se tornasse sujeito de sua vida.

Refletindo sobre o lugar da família em suas diferentes produções, trago um trecho do relato de Ana sobre o que ela admira nos pais: “Nos meus pais, eu acho que admiro a **força de vontade** deles, de lutarem por dar tudo o que sempre precisamos”. Mediante esta afirmação, em que Ana expressa um valor na admiração por seus pais, podemos pensar que a configuração subjetiva atual da vida familiar de Ana associa-se ao modo como ela significa a própria moralidade, o que reforça indicadores construídos sobre o seu lugar de sujeito, e que também

se faz notório no seguinte trecho, referente a uma de nossas conversas sobre as respostas ao complemento de frases, em que ela escreveu: “**Não posso: desistir**”:

Na verdade, sempre tento nunca desistir de nada, eu levo as coisas até o fim, e quando eu realmente desisto de alguma coisa é por achar que não dá mais, eu acho que eu já sofri demais por aquilo então eu acabo abrindo mão, mas até chegar neste ponto eu já passei por muita coisa, eu não sou de desistir de nada. Por exemplo, o meu relacionamento, foi até o fim, até onde eu achei que dava, e aí eu abri mão, mesmo sabendo que eu iria sofrer, mas eu preferi abri mão, eu achava que eu ia sofrer mais se ficasse no relacionamento do que se eu abrisse mão dele.

Pode-se construir, a partir deste trecho de informação, elementos que indicam sua **perseverança e força de vontade** rumo ao que ela acredita ser o certo; por mais que o rompimento a conduzisse ao sofrimento, ela se posiciona e faz sua escolha. Nesse sentido, uma vez que a presença dos mesmos valores que Ana admira nos pais, também se fazem presentes em seus posicionamentos, é possível construirmos, unindo outros trechos de informação, que o modo como Ana significa seu meio familiar, a relação com pais, se desdobra na produção de novos sentidos subjetivos, que integram as demais configurações subjetivas atuantes no seu momento de vida, o que a leva a ser sujeito frente aos diferentes contextos.

As construções interpretativas até o momento sobre o posicionamento ativo de Ana é indicador de um processo subjetivo que foi se mostrando recursivo nas expressões dela: **a sua capacidade para criar condições que podem efetivamente levar mudanças desejadas em sua vida**. Nesse sentido, nota-se como Ana está em pleno desenvolvimento, observado pelo modo como ela reafirma a sua força na forma como lida com situações conflituosas de sua vida, demonstrado nas constantes expressões de valores já expostas.

Compreende-se que ela busca produzir alternativamente às reproduções estereotipadas do imaginário social, notado por suas atitudes que provocaram transformações em diferentes situações da sua vida. Nesse sentido, a partir dos múltiplos indicadores e ideias trabalhadas até o momento, torna-se possível elaborar a hipótese de que **Ana apresenta uma capacidade crítica e ativa para estruturar um campo moral singularizado**, que a conduz a

transformações cruciais em sua vida, voltadas ao seu bem-estar e à capacidade de gerar sentidos subjetivos alternativos ao modo como diversas situações se apresentam em sua vida.

Tal capacidade crítica e seu posicionamento autêntico frente às experiências com a família, também se faz notório na forma como Ana lida com alguns dos estereótipos presentes em seu meio social, sendo uma fonte de produção de sentidos subjetivos coerentes em múltiplas situações da vida, o que evidencia a consistência da configuração subjetiva de seus valores morais, que, por sua vez, parece estar em estreita relação ao seguinte relato de Ana, proferido durante o encontro em grupo:

Tenho uma amiga que é transexual, e assim, eu não conhecia nada, não sabia nada, e tinha toda uma visão distorcida do que é ser uma pessoa trans, e depois comecei a conversar com ela, e hoje eu tenho uma visão totalmente diferente, então ela começou a visitar minha casa, e meu pai não aceitava, mas hoje meu pai a adora. Então ela vai muito à minha casa, e ele sabe. Quando ela começou na transformação meu pai acompanhou essa fase, então ele a viu mais masculina, agora está totalmente feminina, e ele a adora. Então eu acho que é uma questão mesmo de você abrir espaço, pelo menos para tentar conhecer, entendeu?

É interessante notar como, apesar de Ana estar inserida em um meio familiar extremamente conservador e tradicional, ela posicionou-se ativamente em busca da abertura de espaço neste meio, no que ela também encontrou uma maneira de mudar as próprias concepções, segundo ela antes “distorcidas” sobre uma pessoa transexual. A forma como a participante possibilitou a inserção da amiga em sua própria casa, é outro indicador significativo de seu posicionamento como sujeito e de sua força pessoal, de forma que ela apresentou uma **produção emergente de reflexão própria**, não submissa. Além disso, novamente Ana afirma que é uma questão de agir, e não esperar. Esse posicionamento demonstra que existe uma congruência entre a sua organização subjetiva e aquilo que ela produz nas diferentes esferas da sua vida.

Faz-se premente destacar deste último trecho, como o convívio, a comunicação com alguém que amamos e temos consideração, torna-se uma fonte significativa na superação de preconceitos. A atitude de se aproximar desta amiga, que provavelmente é vítima de muita discriminação na sociedade brasileira, é um indicador de **mais um desdobramento subjetivo**

**da posição de sujeito que Ana ocupa**, por meio da qual ela sente que possui os recursos necessários para transformar situações em sua vida, dependendo de si mesma assumi-los, notado pela segurança e firmeza dela em tomar decisões próprias.

Nesse mesmo sentido, Ana expressa em uma resposta à pergunta do questionário aberto, relacionada à qual personagem do filme ela mais se identificava:

Identifico-me mais com a Felícia, pois tento sempre viver intensamente as coisas da minha vida. Sou racional na maioria das vezes, porém, quando me entrego a algo, realmente dou tudo de mim. Primeiro quando decidi sair da igreja, mesmo os meus pais dizendo que isso era errado, bati o pé e decidi que não era aquilo que queria para mim. E segundo quando decidi fazer Psicologia, mesmo todo mundo dizendo que isso não pagaria minhas contas e que eu não ganharia nada.

Neste relato, percebe-se novamente que Ana expressa independência em relação à opinião de seus pais e da pressão exercida pelo social, optando por agir de acordo com aquilo que ela acredita ser o melhor para ela a partir daquilo que ela sente - o que marca um posicionamento coerente mediante os diferentes instrumentos utilizados, demonstrando a **predominância de atitudes próprias e reflexivas nas suas produções subjetivas no que tange à moralidade**. É notável como essa postura de Ana frente aos processos subjetivos que configuram sua forma de ser e pensar sobre o mundo, faz-se presente nos diferentes momentos que vivencia, demonstrando sua riqueza interior.

A maneira como Ana conduz aspectos centrais em sua vida, fica novamente explícito quando ela se posiciona, durante o encontro grupal, criticamente em relação ao programa do governo “cotas para negros”:

Muitas pessoas não concordam, mas eu acho, por exemplo, cotas para negros, tudo bem, mas e aí, só negro não tem um bom estudo? Que tem uma dificuldade? Não, brancos também têm. Eu acho que são atitudes que tentam disfarçar o que realmente acontece e assim foi no filme também. Tudo bem, ela era uma pessoa muitíssimo reconhecida na sociedade, onde chegava, até descobrirem que ela era judia e lésbica, e as coisas são assim.

Neste trecho, Ana tem uma percepção de que as formas como a sociedade tem pautado seus projetos são processos que, de modo implícito, favorecem a discriminação. Podemos extrair do trecho acima como ela sente no seu convívio em sociedade as formas “disfarçadas” de preconceitos existentes hoje, o que culmina em sentimento de exclusão social e a faz sentir



em descrédito. Isso é de extrema relevância para se pensar como alguns jovens negros têm subjetivado os “programas de inclusão”, que a política atual tem se utilizado como justificativa para incluí-los, de forma que acabam se sentindo excluídos e inferiores por serem considerados os únicos “necessitados de ajuda”. Nesse sentido, a última expressão, somada às construções anteriores, permite-nos reafirmar a hipótese elaborada sobre a **capacidade reflexiva e crítica** de Ana, notado pela presença de protagonismo diante das realidades familiar e social, que lhe permite estar em constante desenvolvimento.

Em outro momento, ao se pronunciar sobre a vivência de algum tipo de discriminação, ela disse:

Sim! Eu acho que nossa sociedade julga tudo! Se você é gorda, se você é magra, tudo ela te julga. Quando com uns 12, 13 anos, eu sempre fui muito alta e magra, e então sempre foi um problema, me chamavam de Olivia Palito na escola, todos os apelidos por você ser magra e alta. Então essas coisas acontecem, sabe, se você é magra as pessoas vão te julgar, se você é gorda as pessoas vão te julgar... Então cabe saber lidar com a situação, sabe, porque, de certa forma, você pode até não perceber, mas você acaba fazendo alguma coisa que para você é normal, mas vai atingir a pessoa de alguma forma, nem que seja mínima, uma coisa singela.

Como é possível notar, Ana não ocultou sua mágoa com o comportamento de algumas pessoas relacionada a atitudes preconceituosas que a afetaram. O interessante, no entanto, é perceber o modo como ela opta por conduzir as próprias experiências: ela reflete que, o que vai influenciá-la ou não, será a atitude que ela tiver diante da ofensa, notado quando ela diz que “cabe saber lidar com a situação”, o que, unido a outras informações levantadas, é um indicador de que **ela sente que tem recursos para lidar com as diferentes situações em seu contexto de vida**. Esse posicionamento de Ana demonstra que a superação vem de dentro, e não de algo externo a ela. Ou seja, o sentido moral é guiado por aquilo que Ana sente, considerando seus diferentes pensamentos e modos de agir frente às diferentes situações que vivencia.

Dessa forma, sua produção moral está voltada para como ela organiza subjetivamente a própria experiência diante de suas vivências, transcendendo qualquer possibilidade de atribuição linear ou causal de uma moral imposta pelo externo. Nesse sentido, pode-se dizer que, tanto no ambiente familiar, quanto no social, Ana transforma o seu campo de produção de

sentidos a partir daquilo que ela vivencia na relação com seus pais e a sociedade, o que tem favorecido seu desenvolvimento enquanto pessoa, e a faz buscar abrir novos espaços de sentido subjetivo, não permitindo que vivências conflituosas anulem sua força de vontade para alterar o que aparentemente está estabelecido. Desse modo, os indicadores levantados nos permitem pensar que a produção de valores morais não é algo imposto pelo externo, mas uma produção que é permeada por uma história de vida, o contexto atual, e a forma como uma pessoa sente e vivencia o mundo a sua volta.

Além do mais, podemos pensar que essa posição de sujeito assumida por Ana parece estar configurada subjetivamente, uma vez que há a produção de sentidos subjetivos relacionados a este posicionamento também em outros momentos para além do seu meio familiar. Neste caso, ao empenhar-se por diversificar o seu próprio ponto de vista, temos um indicador de elementos de sentidos subjetivos relacionados a si mesma, como a **coragem, perseverança e tenacidade**, voltado para aquilo que ela acredita e vai em busca, fazendo o necessário para alcançar o almejado. Do mesmo modo que ela desafia os valores tradicionais de seus pais, ela também busca desafiar os seus próprios; o que termina por reforçar sua capacidade de produzir.

As construções tecidas até aqui nos levam à ideia de que esse modo de Ana lidar com as próprias responsabilidades, a produção de sentidos subjetivos em relação a seu meio familiar e social orientados à constante mudança a partir do que ela pensa e significa, pode estar assentado na base de uma configuração subjetiva dominante em seu momento de vida atual e que se expressa na produção de valores autênticos apresentados por ela, o que dá sustentação à hipótese tecida. Assim, podemos pensar que o modo como Ana percebe e lida com sua família parece estar em uma mesma base da produção de valores como **dedicação, perseverança, força de vontade, respeito por si mesma e pelo outro, altruísmo e compreensão**.

Esse conjunto de valores de Ana aparece nas seguintes frases de suas respostas ao complemento:

**Luto:** Pelos meus sonhos.

**O passado:** Experiências que influenciaram o que sou hoje.

**Meu futuro:** Construo a cada dia.

**Muitas vezes reflito sobre:** Minha vida.

**Eu:** Sou única.

**Esforço-me diariamente por:** Aquilo que acredito.

**Considero que posso:** Fazer tudo com esforço e dedicação.

**Minha principal ambição:** Ser bem-sucedida profissionalmente.

**Eu admiro:** Pessoas honestas.

É muito marcante, nas frases acima, a confiança de Ana rumo à conquista de seus projetos individuais, marcada pelo seu otimismo e crença nas suas potencialidades. Pode-se dizer ainda que o centro de suas produções está voltado para valores morais já apontados nesta construção, de forma que tal processo afirma, uma vez mais, que ela se engaja em prol daquilo que acredita, reforçando sua posição de protagonismo. Além disso, compreende-se como ela traz a profissão como sua principal ambição, demonstrando o lugar central que tal elemento ocupa em suas produções atuais.

Em relação a última resposta acima, sobre admirar pessoas honestas, Ana disse durante um de nossos encontros ao conversarmos sobre suas respostas ao complemento de frases:

Eu nunca parei realmente para pensar o porquê eu admiro pessoas honestas, mas, talvez porque eu sempre fui muito honesta com as pessoas, e as pessoas nem sempre são tão honestas com você né, e eu acho que sempre foi uma coisa minha, uma coisa que não se perdeu e que não mudou, mesmo com todas as mudanças, isso foi algo que ficou.

Esse trecho, unido às outras colocações de Ana, é um indicador da **qualidade na produção de seus valores morais tendo em conta a honestidade em sua vida**. Assim, podemos pensar que a forma como Ana configurou subjetivamente os sentidos subjetivos em relação à sinceridade e à autenticidade, está associada à sua história pessoal, à sua dinâmica familiar, e as experiências pelas quais já passou.

É interessante notar como, a partir do diálogo sobre um valor moral, Ana inicia um pensamento sobre a própria moralidade; o que torna possível pensarmos que o momento propiciou uma atitude reflexiva, ao favorecer uma abertura para se conversar sobre o tema.

Assim, podemos pensar na possibilidade de tal momento culminar na potencialização de recursos subjetivos frente a futuras situações da vida de Ana, uma vez que é um processo compatível com seu posicionamento de sujeito, e que também poderá se desdobrar em novas oportunidades de crescimento pessoal.

Nesse sentido, faz-se importante destacar que, no decorrer dos encontros individuais e em grupo, e após a formação do vínculo, notei diversas vezes um envolvimento emocional de Ana em relação ao que estávamos dialogando. Observei que a participante passou a produzir reflexões sobre os próprios posicionamentos diante de alguns temas que até o momento lhes pareciam ofuscados, de modo que é possível pensarmos que sua participação nos diferentes momentos da pesquisa, e as reflexões geradas apoiadas na relação estabelecida, se tornaram provavelmente **processos que favoreceram a abertura a novas produções subjetivas**, tornando o **momento educativo**. Tudo isso poderá se articular à futuras ações dela, contribuindo ainda mais ao seu processo de crescimento e desenvolvimento pessoal.

Nesse sentido, trago o seguinte trecho da resposta de Ana ao questionário aberto, sobre o que ela pensava da sua participação nos encontros grupais:

Para mim foi muito importante, pois tive a oportunidade de debater um tema que é pouco discutido e no qual sempre me questioneei. Além de também escutar novos pontos de vista, o que me permite fazer uma nova reflexão daquilo que eu pensava. Eu me senti tranquila e feliz, pois acredito que a informação e o debate são as chaves para toda transformação e mudança.

Essa expressão espontânea da participante, além de indicar que a sexualidade e o sexo, que eram os temas do debate, serem temas encobertos na sociedade brasileira, aparecendo muitas vezes de forma estereotipada e comprometedora na subjetividade social, é também uma manifestação que nos permite afirmar a importância da abertura de espaços para que se discuta a temática da moralidade na sociedade brasileira. Isto é, a partir da viabilidade de tal abertura, que teve como condição para sua realização nesta pesquisa um contexto dialógico, podemos refletir na possibilidade de promoção de reflexões que poderão se tornar marcantes em ações futuras do jovem, como ela mesma pontuou em sua expressão.

Dessa forma, tendo em vista **processos educativos** enquanto favorecedores de desenvolvimento humano, mediante o favorecimento da emergência de sentidos subjetivos frente às diferentes vivências da pessoa, as quais poderão ser promovidas mediante os mais diversos espaços sociais e, portanto, relacionais, como foi o caso dos encontros com Ana, é possível pensar em um amplo cenário educativo para além da escola e da família, enquanto **possibilidade de espaços sociais que busquem potencializar certos processos subjetivos associados à moralidade**, que podem se desdobrar em autenticidade e posicionamentos críticos sobre os próprios valores morais.

Nesse sentido, considerando uma ampla concepção de **Educação**, que inclui a complexidade subjetiva dos fenômenos humanos, podemos dizer que os encontros possibilitaram a exposição de alguns dos processos morais genuínos da participante, compreendidos a partir de implicações profundas diante dos temas que eram trazidos por ela, favorecendo momentos de produções singulares que, por sua vez, poderão se desdobrar em processos reflexivos e críticos sobre a própria moralidade.

A partir do que foi exposto e tendo em vista o objetivo de analisar alguns processos morais, estudou-se a capacidade de Ana em se posicionar de maneira crítica em relação aos valores que a família e a sociedade apresentam enquanto processos arraigados na forma de conceber o outro, o que favorece a produção de valores morais autênticos. Torna-se possível considerar como a participante busca posicionar-se diante de situações desafiadoras e propícias à mudança pessoal e do seu núcleo familiar. Além disso, foi possível compreender como nos valores morais de Ana o outro é parte essencial de sua própria configuração subjetiva

Por fim, destaca-se a importância de efetivar a abertura de espaços de discussões alternativos aos que têm caracterizado as práticas educacionais atualmente. Enquanto a educação for pensada apenas em termos de conteúdo e intelectualidade, e em intrínseca relação ao ambiente escolar, continuará existindo ausência de espaço para que o jovem se implique

emocionalmente em seu próprio processo de desenvolvimento. Dessa forma, faz-se premente pensar novas possibilidades voltadas para a singularidade, favorecendo a emergência do sujeito moral.

### **4.3. Estudos de Caso: uma Articulação entre as categorias Sujeito, Sentidos Subjetivos e Moralidade**

Nesta segunda parte da construção da informação, busca-se gerar visibilidade teórica a partir do estudo de diferentes aspectos das dinâmicas subjetivas dos jovens no que tange aos processos morais, possibilitado pela participação deles nos momentos grupais e nos momentos individuais. Ressalta-se que os trechos apresentados e as construções interpretativas realizadas, buscaram enfatizar o objetivo principal deste estudo.

Os diversos relatos dos jovens relacionados à posicionamentos tanto sugestivos, comunicativos, quanto contraditórios no debate, possibilitaram apresentar alguns dos posicionamentos autênticos dos participantes, que diversas vezes se pautaram na defesa de posições pessoais ou em exemplos de momentos complexos pelos quais já passaram, que enfatizaram a forma como eles assumiram protagonismo diante dos desafios vivenciados, baseando-se naquilo que acreditaram e buscaram concretizar.

Nesse sentido, primeiramente introduzo um relato de Rosa, expresso durante o debate enquanto conversávamos sobre as personagens do filme e o que cada um pensava das atitudes delas, porém, tendo em conta situações da própria vida:

Sabe, eu já estou nesse processo de me tornar Felícia. Hoje em dia, eu tenho me monitorado, eu me coloco na frente. Antes eu não percebia, agia mais preocupada com os outros. Por exemplo, o meu pai ele é bem autoritário e eu sempre viajava com ele. Mas, de um tempo para cá, eu não tenho mais viajado, tenho viajado sozinha, para onde eu quero. Isso para mim, falando assim, parece fácil, mas foi bem difícil construir essa independência afetiva dos outros. (Rosa, 23 anos)

Em outro momento da discussão, também disse:

Todo mundo vê de fora a situação, e hoje eu me sinto taxada como egoísta. Inclusive eu faço as coisas agora só se eu tiver vontade, não por obrigação. Eu não vou na casa de alguém só porque meu pai e minha mãe querem. Isso tudo realmente para mim é muito significativo! (Rosa, 23 anos)

A partir destas falas, podemos pensar que Rosa expressa uma maneira própria de refletir sua relação em família, distanciando-se das pressões de seus pais e do modo como o mundo que lhe foi apresentado. Ou seja, a jovem optou por adotar uma postura desafiadora em oposição aos processos tradicionais impostos pelo seu contexto de vida. É interessante notar ainda como, em ambos os trechos, ela destaca o quão significativo é para ela agir assim, de forma que podemos pensar que a manutenção deste modo de lidar com as situações de sua vida, que aparentemente parecem “rebeldes” se observado de fora, tem favorecido o prevalecimento de uma constante reflexão sobre o próprio processo de desenvolvimento.

O envolvimento da família em ambos os trechos, permite-nos refletir que o seu meio tem favorecido a produção de sentidos subjetivos ligados à **perseverança** e **dedicação**, necessários para provocar transformações em seu contexto familiar, e que também culmina no envolvimento de sua **força como pessoa** para além do contexto familiar, como fica explícito na seguinte expressão:

Acredito que tudo que decido fazer na minha vida hoje, eu faço de forma completa, tanto em relação a projetos que participo, quanto a relacionamentos, me doou por completo nas relações profissionais, familiares e afetivas. (Rosa, 23 anos)

Nessa frase, compreende-se que Rosa desfruta do entregar-se ao outro, indicando o compromisso com o outro em sua vida, não de maneira prejudicial, mas como forma de realização pessoal. Sua vida parece ser marcada por uma posição moral, tanto ao que concerne às próprias realizações, como também à consideração que ela tem pelas pessoas que compartilham das suas vivências. É notável como a participante demonstra buscar atribuir a si mesma sua responsabilidade pessoal na condução da própria vida.

Ao utilizar-me do complemento de frases com Rosa, foi possível entrar em campos de sentidos mais complexos. Ressalta-se que, mesmo diante dos diferentes instrumentos, a participante manteve-se nesse posicionamento moral autêntico, como fica explícito nas respostas seguintes que ela escreveu:

**Eu secretamente:** sou mais forte do que as pessoas pensam.

**Gostaria:** de nunca me acomodar em qualquer contexto da vida: trabalho, relacionamento, etc.

**O tempo mais feliz:** o presente.

**Eu:** desafios e superação.

**Eu admiro:** aqueles que dedicam suas vidas em prol do bem-estar de outros.

É possível extrair destas respostas, novamente, a importância do outro em sua vida, sua força como pessoa, sua admiração voltada para valores morais como a **benevolência, a bondade e a generosidade**. Interessante como estes valores apareceram de forma não declarada, e isso permite-nos refletir sobre a sua filosofia de vida, **a simplicidade e a honestidade** que ela carrega consigo mesma.

Podemos pensar ainda que tais processos morais estão em estreita relação com sua história pessoal, neste constante desafio em se libertar das imposições tradicionais dos pais, buscando um caminho próprio, pensando em si e se **auto valorizando** para dar sustentação às próprias necessidades e pensamentos. Destaca-se aqui uma importante contribuição da categoria “sentidos subjetivos” para se estudar os processos morais, permitindo-nos visualizar o desenvolvimento moral enquanto um processo contraditório: existe, nas expressões de Rosa, uma expressão subjetiva de um processo de auto afirmação em desenvolvimento, que pode, no entanto, ser rotulado como um comportamento egoísta, como várias vezes ela afirmou ser “tachada” pela família; porém, ao ser representado pelos seus sentidos subjetivos enquanto um momento de desenvolvimento moral, como podemos perceber, o egoísmo não é sempre “moralmente ruim”.

Após Rosa encerrar a sua fala sobre o processo de independência que ela está vivenciando em relação ao seu meio familiar, outra participante, Sara, expressou postura semelhante:

Nossa, eu estou me identificando muito com o que você está falando. Até uns dois anos atrás (como falei, estou há cinco anos com meu “marido”), eu vivia para ele! O pessoal da faculdade me convidava para sair e eu nunca saía, eu não tinha vida! Teve um dia que a gente teve uma briga, muito forte, e ele falou que ia terminar comigo. Meu chão caiu, eu não sabia viver sem ele! Na hora eu pensei, gente como eu vou viver sem essa pessoa! Foi aí que veio o sinal “eu tenho que aprender a viver sozinha”. Foi aí que eu comecei a trabalhar sozinha dentro de mim, que eu não podia ter essa dependência. Foi aí que eu consegui me colocar em primeiro lugar. Vou viajar sozinha agora... É a minha primeira vez! (Sara, 22 anos)



A participante Sara, que vive com o namorado há cinco anos, nos relatou como um momento difícil foi gerador de transformação em relação ao modo como concebia o seu relacionamento. Podemos pensar no despertar de um protagonismo a partir deste momento, de forma que ao invés de entristecer-se, ou fazer-se refém daquele momento, ela reconheceu que depender emocionalmente de alguém poderia ser prejudicial, e que ela precisava trabalhar isso nela. Em outras palavras, Sara optou por responsabilizar a si mesma pela própria mudança subjetiva; algo que ela já colocou em ação, decidindo por realizar uma viagem sozinha, pela primeira vez, o que ela nos contou com bastante alegria e firmeza em sua fala.

Tudo isso demonstra que a vivência deste “choque” emocional, e a forma como ela “abraçou” este desafio, foi favorável à produção de sentidos subjetivos que relacionam-se, no momento atual de sua vida, à valores como **a coragem, a determinação e a força de vontade** para seguir confiando em si mesma e nas próprias potencialidades, sem precisar depender emocionalmente de alguém.

Assim, é possível pensarmos que, a partir de uma situação de conflito, esta participante passou a gerar um movimento em prol do próprio crescimento, rumo à estruturação de um caminho alternativo na sua forma de pensar. Além disso, nota-se como ela passou por um processo de transformação subjetiva a partir desta vivência, assumindo um posicionamento agora ativo e correspondente ao seu desenvolvimento pessoal; algo que fica claro na sua resposta ao questionário aberto em relação à pergunta: “Você se identifica mais com a personalidade de qual personagem do filme?”:

Nos últimos quatro anos, eu me identificava parcialmente com a Lilly, pois era bem dependente, pensava nos outros em primeiro lugar. Hoje me identifico com a Felice, pois ela é mais independente, é corajosa, põe sua felicidade em primeiro lugar, mesmo quando isso pode custar sua vida confortável e tranquila. (Sara, 22 anos)

Lilly é a personagem do filme mais conservadora, que era casada, três filhos, quase sem opinião própria, mas que foi transformando-se com a chegada da Felice, lésbica, por quem se apaixonou, e que era completamente despreocupada com o que os outros pensavam. A partir

deste trecho, é possível pensarmos que o desenvolvimento que um momento de crise propiciou à participante, como colocado anteriormente, se faz presente no processo de transformação que ela vem vivenciando, da passividade ao protagonismo. Ela passou a acreditar em si, a ter autoconhecimento e a fazer novos projetos de vida, como viajar sozinha pela primeira vez. Podemos pensar, a partir das reflexões tecidas, que o sentido subjetivo gerado no momento do acontecimento, se expressa na congruência de sua vida pessoal, sendo agora parte daquilo que conseguiu obter, numa forma contínua de crescimento.

Assim, os momentos de “crise” parecem, neste caso, estarem associados a processos que marcam o desenvolvimento de Sara. Podemos dizer, desta forma, que a jovem produziu sobre esta realidade. A situação desafiadora se tornou propícia à produção de sentidos subjetivos alternativos diante daquele momento, mas que também foi acompanhada por toda a sua história de vida. Todo esse processo culminou em um desenvolvimento subjetivo, de forma que os sentidos subjetivos gerados nessa situação, poderão constituir subjetivamente, da mesma forma, situações futuras, o que demonstra o caráter dinâmico e processual da subjetividade humana (González Rey, 2012).

O momento de discussão grupal acabou por favorecer um espaço de compartilhamento, a partir das relações estabelecidas e por meio da prática dialógica, promovendo reflexões sobre momentos difíceis e desafiadores que os participantes já enfrentaram em suas vidas, mas que, apesar de todo sofrimento, conseguiram seguir adiante, mantendo-se firmes em seus propósitos. Ou seja, ao invés de discutirem as dificuldades e situarem-se enquanto vítimas dos acontecimentos, estes jovens passaram a refletir a **força de vontade** que existe dentro deles, e a sua capacidade para gerar transformações para além de qualquer problema aparentemente insolúvel.

Nesse sentido, o participante Alex expressou o seguinte, em relação ao que outros compartilhavam sobre o desafio de conviver com as imposições dos pais:

Eu também me sinto da mesma forma. Porque eu sempre fui muito cobrado para ser muito perfeito, e eu era muito perfeito, o que estava me fazendo sofrer demais. Então eu deixei aquilo que me cobravam, por exemplo, faço o curso que gosto. Eu sonho em ter muita experiência na minha área, me tornar um especialista, e depois me tornar um professor, escrever vários livros - uma vontade que eu tenho. (Alex, 18 anos)

Da mesma forma que a participante Rosa, Alex refere-se à dificuldade que enfrentou em se libertar das pressões do meio rígido que convive com os pais. Além disso, ele concorda com Sara e Rosa em relação a buscar concretizar aquilo que acredita, baseando-se nas próprias vontades para fazer escolhas, tanto que, apesar de existência de um pensamento tradicional de seus pais e que permeiam a subjetividade social no país (em transformação, mas ainda muito presente) de que Psicologia, além de ser um curso “feminino”, não gera um bom retorno financeiro; Alex não abriu mão de seguir adiante e cursá-lo. Ou seja, o participante procura se manter ativo em seus propósitos, rumo a conquistas, demonstrando sua capacidade em gerar sentidos subjetivos alternativos ao seu meio familiar e social.

Ademais, a fala de Alex aponta ainda para sua visualização de possibilidades, perspectivas objetivas para o futuro e sonhos, algo congruente com suas respostas ao complemento de frases:

**Espero:** Que consiga me firmar no mundo e ser "independente".

**Não posso:** Me contentar com respostas simplistas e sem fundamento.

**Fracassei:** No que meus pais esperavam de mim.

**Eu admiro:** Autenticidade e honestidade.

**Sempre que posso:** Faço algo para as pessoas em minha volta se sentirem bem.

**Luto:** Para vencer incoerências e hipocrisias.

Interessante como Alex traz em suas respostas um modo crítico de pensar o mundo, de forma que ele afirma não se contentar com qualquer “resposta”. Além disso, sua admiração está voltada para valores morais, de forma que ele atribui muita importância à **transparência**, algo que também o faz lutar em prol. Sua busca por independência está em estreita relação com uma produção moral autêntica, o que compõem também o modo como optou por conduzir suas decisões em relação aos estudos e à família, como consta na expressão anterior. É possível ainda pensar que lhe agrada ver o outro feliz, o que não é confundido com abdicar-se de si mesmo em prol do outro, pois tenta agradar “sempre que pode”.

Foi muito interessante como várias trocas vivenciais ocorreram no momento do debate. Faz-se importante ressaltar que o diálogo ia se desdobrando em uma multiplicidade de temas, mas que sempre encontravam entre eles um ponto em comum, que acabava fazendo-os refletir sobre a própria vida. Os participantes, emocionalmente implicados nestes momentos, ao refletir a respeito daquelas trocas, pareciam fortalecer aquilo que pensavam sobre si mesmos.

Neste clima de descontração e compartilhamento de vivências que nos encontrávamos, a participante Carla solicitou nossa permissão para nos contar um fato muito pessoal de sua vida, mas que ela acreditava ser importante relatá-lo naquele momento como um exemplo de superação; pois o filme que havíamos assistido mostrava como duas mulheres lidavam com os desafios de sua vida, em busca do que acreditavam, tendo em conta o amor que sentiam uma pela outra sem se importarem com que os outros pensariam delas, apesar da época extremamente preconceituosa (Segunda Guerra Mundial). Nesse sentido, Carla expressou, após solicitar um lenço e com lágrimas nos olhos:

Eu nasci e cresci em uma família tradicional, religiosa, machista, e meu pai sendo o macho alfa e muito autoritário. Fui ensinada a baixar a cabeça e aceitar tudo, eu fazia o que eu não queria fazer, eu não podia me expressar ou discutir, a palavra dele era lei e eu tinha que aceitar. Eu apanhei muito quando criança. Meu pai também é militar, extremamente ciumento e é muito religioso: ou é do jeito que ele quer, ou é do jeito que ele quer. Ele é evangélico, muito mesmo, daqueles extremistas! Só que meu namorado, apesar de compartilhar da mesma religião que ele, não era da mesma igreja. Porém, meu pai não aceitava isso. Eu nunca consegui me expressar dentro de casa, porque não tinha abertura. Meu pai disse sempre que a culpa de tudo era sempre minha, que eu era uma menina rebelde. Na verdade, ele queria que eu terminasse o namoro e eu falei que não, que eu não iria terminar! E aí ele me deixou toda roxa, me bateu muito! Mas, tudo bem. E aí depois disso eu fiquei com muito medo porque ele me ameaçou de morte e tudo mais. Uma vez minha mãe veio na minha defesa, e ele pegou e agrediu o rosto dela com o cotovelo, e empurrou-a. Quando ele fez isso, e ele fez isso e ainda foi para a igreja depois, me deixando sozinha em casa. Gente, sério, eu não sei o que aconteceu, foi uma força do além, assim “ou você sai agora, ou você nunca vai sair desta porcária desta casa”. (Carla, 23 anos)

Carla ainda relatou que depois deste episódio, ela passou a desenvolver uma maior **segurança** na sua relação com o namorado, passando a se reconstituir enquanto pessoa e a **acreditar mais em si mesma**. Fugiu para a casa de sua avó, onde vive atualmente. Segundo ela, hoje não fala com os pais. “Eu tentei ter uma relação com minha mãe, só que meu pai não deixou ela se aproximar de mim! E dele, eu não consigo me aproximar”. Como fica explícito, foram situações de extrema complexidade e sofrimento à jovem, mas que, ao invés de se

vitimizar diante das circunstâncias, ela decidiu tomar uma atitude desafiadora, produzindo novos sentidos subjetivos diante da situação, que terminaram por fortalecer suas potencialidades.

Ou seja, a situação, extremamente delicada e sofrida, desdobrou-se em sentidos subjetivos relacionados à **segurança, perseverança, respeito a si mesma, coragem e determinação**. Além disso, ela colocou como prioridade aquilo que ela acreditou ser o certo, apesar de todas as contradições na subjetividade social brasileira no que tange a uma jovem sair da casa de seus pais e deixar de ter contato com eles.

Ao se falar, portanto, em processos morais, é imprescindível ter em conta as diferentes formas de subjetivação de uma pessoa frente às situações de sua vida. Por exemplo, os acontecimentos tendo em conta a presença do pai na vida de Carla, articulados à extrema violência física e psíquica que ela sofreu - o que impactou profundamente seu estado emocional, são processos que perpassam a produção de sentidos subjetivos em relação a própria moralidade. É possível, portanto, pensarmos que a produção de sentido é sempre singular, ou seja, nunca será uma imposição do externo ao interno.

As reações que o relato de Carla despertou em outros participantes fez-se notório. A participante Sara perguntou-lhe: “E você acha que tomou a decisão certa?”, no que ela respondeu:

Acho... Eu acho que eu sou muito julgada por conta disso, porque a minha família espera que eu me aproxime dos meus pais, porque eles vêm que “ah, ele é seu pai, ela é sua mãe”, mas eles não sabem o que foi estar ao lado deles. Eles não sabem o que eu tentei fazer por eles, o que eu tentei fazer para melhorar, o que eu tentei conversar, que eu tentei chegar perto, então eu acho assim, eu desisti deles? Sim, desisti. Claro! Eu não quero saber mais. Mas, eu também não queria ser julgada por causa disso. (Carla, 23 anos)

É notável, a partir deste trecho, como a participante se posiciona de maneira autêntica, **respeitando os próprios sentimentos e a si mesma**, aceitando tudo que ela passou, mas não de forma passiva e, sim, **compreensiva**. Podemos pensar ainda como as relações complicadas e difíceis podem ser geradoras de novos processos subjetivos. Assim, apesar de toda uma

pressão social no país, de que o filho deve respeitar os pais independentemente das circunstâncias, a jovem Carla buscou pautar suas atitudes diante do que acreditou ser favorável ao seu desenvolvimento, mesmo sendo julgada e incompreendida, demonstrando ausência de medo diante do imprevisível, bem como um protagonismo frente aos impasses que lhe ocorreram. Ou seja, ela se tornou sujeito de sua vida se posicionando de forma pessoal frente a tudo o que lhe aconteceu. Os processos morais produzidos por Carla, a partir dos diferentes sentidos subjetivos que as vivências lhe facultaram através das reflexões das situações que experimentou, relacionam-se ao **auto respeito, à compreensão e à esperança.**

É interessante como a tensão entre estar num espaço simbólico dominante, e ter uma alternativa singular, desdobrou-se em crescimento, ou seja, em uma capacidade geradora de sentidos subjetivos, que está em intrínseca relação com a forma como hoje ela concebe alguns processos sociais, como fica nítido em sua resposta ao questionário aberto, sobre como ela pensava a situação do filme na sociedade atual:

Eu penso que as pessoas deveriam parar de serem tão maldosas com o que é diferente, tanto sexualidade, quanto raça ou religião. Eu acho que as pessoas querem muito ter o poder umas sobre as outras, e isso é o que estraga as relações e acaba por trazer diversos conflitos e violência, pois não há respeito em relação às características subjetivas de cada pessoa, cada pessoa ama de um jeito. O Brasil tem o cristianismo muito forte e o machismo também. Você já reparou que tudo o que foge o normal e do “certo” para os cristãos é pecado ou é do demônio? (Carla, 23 anos)

Faz-se nítido neste relato o posicionamento crítico de Carla em relação à religião. Tanto no trecho em que ela questionou o lado religioso do pai, quando ela fala que ele machucou sua mãe e em seguida foi para igreja; quanto neste trecho, em que ela examina a maneira como a “crença religiosa” muitas vezes toma sentidos diversos que levam ao extremismo. O modo como a participante interroga a religião, tendo em conta a predominância do cristianismo no Brasil, é um questionamento de um valor muito forte, que permite compreender, mais uma vez, seu protagonismo diante de diferentes aspectos que são naturalizados na sociedade atual. Ela consegue perceber as relações de poder que existem e como isso culmina em violência, como se ela sentisse certa familiaridade com tal associação articulada por ela, mediante tudo o que

ela sofreu com o poder de seu pai exercido sobre ela. Podemos pensar ainda, como as situações da vida da jovem tornaram-se, de certa maneira, fonte de flexibilização em relação à forma de conceber os processos em sociedade, e em relação à singularidade, enquanto algo a ser levado em conta.

Esse modo de pensar e questionar a religião, e a capacidade de gerar sentidos subjetivos alternativos à modelos dominantes de pensamento, fez-se presente em outro momento, quando Carla, durante o debate do filme, solicitou a palavra para dizer o que ela pensava em relação a sexualidade ainda ser um tabu em nossa sociedade:

Eu acho que vem de muito atrás! Ao meu ver, as pessoas tiram muitas coisas da religião, e eu acho que o tabu do homossexualismo vem da religião, porque o cristianismo é a religião universal, vamos colocar assim, e as pessoas então tendem a pensar que homem e mulher é o que vai dar certo, porque o cristianismo prega que é homem e mulher, pronto e acabou! Só que homem e mulher é para reproduzir, porém, hoje em dia não se está reproduzindo mais, nem homem e mulher está reproduzindo mais! Então as pessoas não conseguem entender que existem outras formas de se gostar de uma pessoa, de se amar, assim, eu vejo assim, eu sou hetero, mas a mesma forma que eu vejo o homossexualismo, eu vejo uma pessoa que é hetero também, mas que tem um relacionamento aberto. Eu acho que são formas diferentes, só muda isso. (Carla, 23 anos)

Novamente, Carla mantém um pensamento crítico e reflexivo em relação aos processos em sociedade. É possível construir, a partir do exposto, como a relação entre ela e o pai, que foi permeada desde sua infância pela religião e o que ela sentia diante desta relação (pois o pai era violento, agressivo, e se dizia religioso), são fatores que hoje perpassam sua produção de sentidos subjetivos relacionados à religião, o que acaba por flexibilizar seu modo de pensar, favorecendo a produção dos valores já expostos anteriormente. Ou seja, existem diferentes sentidos subjetivos relacionados à sua história de vida e que estão presentes na forma como Carla pensa o religioso na sociedade atual, o que está atrelado à singularidade de suas emoções.

Segundo a participante, seu pai é “da Igreja Congregação Cristã no Brasil, popularmente conhecida por Igreja do Vêú”. Falou ainda que lá “mulheres sentam de um lado, homens do outro; as mulheres não podem usar calça, não podem ter nenhum tipo de vaidade, não pode cortar cabelo, unha, não pode usar acessório, não pode depilar”; e, quando algo de diferente “surgia”, gerava muita fofoca, inclusive vinda de seu pai. Conforme falou, isso a

deixava refletindo muitas vezes sobre tudo o que via, e o distanciamento entre o que escutava da fala do pastor e as atitudes de quem o escutava, principalmente seu pai.

Podemos pensar, portanto, como as emoções geradas nas vivências da participante foram decisivas no sentido subjetivo que a religião tem para ela, e que constitui um aspecto central da sua capacidade para desenvolver posturas que envolvem tais sentidos, culminando, no caso dela, em um posicionamento moral autêntico.

Esse modo de conduzir a própria vida também se faz nítido nas seguintes respostas dela ao complemento de frases:

**Considero que posso:** Fazer de tudo, tenho limitações, mas me considero capaz de tudo.

**Eu:** sou esforçada e apaixonada.

**Meu maior problema é:** Minha relação com meus pais. Principalmente meu pai.

**Lamento:** Não ter uma boa relação com meus pais, porém não abro mão da minha vida. É o preço que eu pago pela minha liberdade.

**As pessoas:** Precisam ser mais compreensivas uns com os outros, precisam ser mais ativas em suas vidas, e precisam buscar estar bem.

Esse conjunto de respostas vai ao encontro da importância que Carla atribui ao seu momento de vida atual. A participante afirmou que seu pai deixou de pagar por seus estudos bem no início, quando entrou na faculdade. Ela então buscou um emprego e a ajuda dos avós, com quem mora hoje. Nota-se, assim, uma tendência ao **compromisso e à autodeterminação** a assumir suas responsabilidades.

Ainda, aparece sua sensibilidade para com o outro, de forma que podemos notar a qualidade de sua produção moral e o seu comprometimento com a **compreensão**, da mesma forma que ela espera que a família não a julgue por suas atitudes. Apesar de existir uma lamentação por não ter boa relação com os pais, ela coloca a sua vida em primeiro lugar, não se deixando abalar pelo que pensam dela.

Suas respostas aos diferentes instrumentos apontam para o reconhecimento de sua capacidade e disposição em criar condições transformadoras na própria vida. Tudo isso, demonstra que a participante **crê em si mesma**, bem como sua capacidade em posicionar-se



enquanto sujeito nos diferentes momentos de sua vida. Independente do apoio ou aceitação, ela apresenta uma **força pessoal** que a conduz rumo a mudanças tangíveis.

As expressões até aqui colocadas nos possibilita pensar na recorrência de posicionamentos autênticos dos participantes, sua capacidade de uma produção moral singularizada, condizente com o relato. Tais expressões marcam a qualidade de colocações que demonstram formas alternativas de pensar o modo como a sociedade e a família, algumas vezes por meio de formas ocultas, tem discorrido sobre alguns processos da vida dos jovens.

É importante ressaltar que os momentos de diálogos favoreceram certa valorização ao caráter gerador de cada participante, mediante os relatos de superação engendrados pela maioria deles. Assim, várias reflexões foram geradas no sentido de conduzi-los à observância da potencialidade que eles carregam para superar os desafios que a vida traz.

Nesse mesmo sentido, em um dado momento da discussão, a participante Bia refletiu sobre um ponto importante que ela notou no filme. Expressou nunca ter visto este tema (romance homossexual) em tramas que tratassem sobre a guerra. Assim, relatou que lhe chamou muita atenção a importância que aquelas pessoas davam aos poucos momentos de liberdade que tinham, e o quanto ficavam felizes com estes momentos, mesmo a cidade de Berlim estando completamente destruída com os bombardeios: “Pensei, nossa, num momento como aquele, eu mandaria era todo mundo ficar em casa, debaixo da cama, ficaria desesperada! E você ter que tentar ter uma vida normal, né” (Bia, 24 anos). Logo após, ela complementou:

Eu faria até uma assimilação com os tempos de hoje. Porque hoje a gente se sente preso dentro da própria casa, colocamos grade nas próprias janelas; eu, por exemplo, estou saindo de casa, vou morar sozinha, e minha mãe está desesperada. Ela fica: “Meu Deus! Como é que vai ser! Como você vai chegar sozinha à noite? Aí eu explico que temos que continuar a viver, apesar da violência, além das dificuldades, precisamos continuar vivendo. E são coisas que eles viveram de forma muito intensa e que às vezes a gente não se permite viver em determinados contextos. Mas, a gente tem que continuar vivendo, e naturalmente né... (Bia, 24 anos)

Primeiramente, é interessante extrair deste trecho o medo que as classes médias e altas possuem da “rua”, ou algo que remeta ao “popular” no Brasil. Como a participante coloca, o mais natural do mundo é viver, assumir as condições em que se vive e não renunciar a viver

nelas, e é esse o valor que possibilita destacar de forma singular o que ela considerou relevante no filme.

Com esta fala, compreende-se ainda o protagonismo desta participante, que apesar do imprevisível, ela não se mantém refém das formas de violência que existem hoje, mas tem um comprometimento com o próprio desenvolvimento. Geralmente no país, uma jovem ou deixa a casa dos pais para estudar em outra cidade, ou para se casar. No caso de Bia, ela mora na mesma cidade, mas está trilhando um caminho de independência. Ela trabalha na Universidade em que estuda, o que lhe garante a bolsa do curso de Psicologia, e permite-lhe o sustento financeiro para viver sozinha, o que demonstra sua real independência. Ou seja, ela busca conquistar o próprio espaço, permitindo constatar sua responsabilidade pessoal, numa posição explícita de muitos esforços colocados por ela, não se amedrontando, ainda, com qualquer suposição futura.

Em outras palavras, uma jovem, na idade de 24 anos, saindo de casa para buscar melhorar a própria vida, contra a vontade da mãe, é uma situação que demonstra como ela produz subjetivamente suas experiências, rumo à concretização daquilo que ela acredita ser o certo: “continuar vivendo”; mesmo confrontando-se com valores sociais dominantes. Esta fala da participante expressa uma postura ativa que nos permite fazer referência a qualidade de sua produção moral, fonte de uma autonomia rumo ao domínio das rédeas dos próprios processos de desenvolvimento.

O protagonismo diante das circunstâncias da própria vida, acaba por intensificar a crença em seu potencial, o que é exemplificado neste relato:

Eu sinto que estou num momento como se eu estivesse despertando. Eu estou produzindo mais, mas, eu estava até me perguntando isso, essa semana... São tantos sacrifícios! Você trabalha numa coisa que você não gosta, para estudar uma coisa que você gosta, mas você não sabe se vai conseguir viver daquilo (Psicologia). Então, eu sinto um pulsar, um desejo de alguma coisa e estou correndo atrás disso, mas, eu ainda não estou onde eu quero. (Bia, 24 anos)

Tal expressão, marca a qualidade do esforço da jovem que, apesar de todas as incertezas, se coloca numa posição ativa. Ressalta-se ainda que seus valores morais aparecem

de forma implícita em suas ações e modo de pensar sua realidade familiar e social, e não em uma dimensão declarada. Em outro momento, Bia aconselhou um participante (Caio, 24 anos) que sinalizou estar infeliz, no momento atual de sua vida, em seu trabalho, pois, executava atividades que não queria, mas que também não sabia onde deseja chegar. Ela então disse:

Eu consegui muito ver o que eu quero quando eu estava onde eu não queria. Porque a gente começa a sair, romper certas coisas nossas e esse medo também, acho que da juventude. Porque a gente está rompendo com o que sempre esperavam da gente. Nossos pais quando tiveram a gente idealizaram um filho ali, né. Já no período da gestação, a gente já vem idealizado. Então a gente cresce com essa idealização do outro. Até a gente descobrir qual é a nossa própria, demora! Porque a gente tem que viver esse “ser do outro” para descobrirmos quem somos. (Bia, 24 anos)

Evidencia-se claramente a postura crítica de Bia, que a possibilita reconhecer a diferenciação entre ser ela mesma e ser do outro, percebendo ainda como isso tem impactado na forma que ela percebe o mundo, e a persistência necessária para se pensar diferente. Essa tensão que os jovens passam, entre desafiar as vontades dos pais e da sociedade, gera medo e conflito, como ela mesma coloca. Bia, durante nosso encontro individual, disse que enfrentou diversos problemas com sua mãe, e que a mãe fazia constantemente ela se sentir culpada por não agir de acordo com seus “conselhos” que, segundo ela, eram mais ordens e imposições. Essa relação difícil com a mãe, conforme me relatou, fortaleceu sua vontade de buscar independência e seguir um caminho próprio de desenvolvimento; o que a fez arrumar um emprego, que pagasse o curso e a permitisse sair de casa, como ela relatou ter feito. Podemos pensar como ela tem sido sujeito nos diferentes espaços de sua vida, demonstrando sua capacidade de gerar sentidos subjetivos alternativos, que impedem sua revolta ou paralisação; pelo contrário, trazem movimentação à sua vida.

Continuando com essa reflexão, sobre o protagonismo desta participante em defender aquilo que acredita, trago um acontecimento que penso ser relevante para exemplificar a tenacidade de seu comportamento moral autêntico. Em um dado momento do encontro grupal, um dos jovens (Caio, 24 anos) ressaltou o seu ponto de vista sobre um debate que ocorreu na câmara dos deputados, em que Silas Malafaia, a quem ele referiu-se em tom sarcástico e crítico

como o “saudoso”, discutiu sobre o conceito de família com o presidente do movimento LGBT, Toni Reis. Nesse debate, tentava-se chegar a um acordo que, independentemente de um casal ser heterossexual ou não, todos possuem o direito de serem considerados como uma família. Contudo, Caio acabou dando ênfase ao lado evangélico de Silas, que o atrapalhava a aceitar a diversidade, ressaltando, no debate que realizávamos, como a religião não deveria “estar presente” naquela discussão.

Nesse momento, o modo como a feição de Bia alterou-se ao escutar a opinião de Caio chamou minha atenção. Sua emoção veio à tona de tal forma que parecia fazer o seu sangue circular, deixando-a vermelha. Em tom firme e desafiador, ela entrevistou:

Eu acho muito interessante quando a gente começa a discutir essas coisas porque são algumas ideias que às vezes a gente deixa passar. A gente vem e fala de uma religião, a gente fala que existe todo o problema de pessoas que são cristãs, e aí a gente pensa assim: mas, espera aí, o homossexual não pode ser cristão? Ele não pode ter uma religião? Ele não pode ter princípios pautados no evangelho? Então porque que o problema é ser evangélico? Porque que o problema é se a pessoa que está lá dirigindo o estado laico ser cristão? O problema não é esse! O problema é não aceitar a diversidade. O problema é não entender que cada um pode ter o seu espaço e que o fato dos seus espaços e escolhas serem diferentes da minha não significa que a gente não possa conviver juntos. Entendeu? Não significa que por causa disso eu tenho que banir ou excluir você de qualquer direito porque você é diferente de mim, porque você pensa diferente de mim. Enquanto a gente achar que o problema é na bancada evangélica, que o problema são os evangélicos, não são! Porque o Silas Malafaia não está representando todos os evangélicos, igual provavelmente o Toni não está representando todos os ativistas. (Bia, 24 anos)

Pode-se construir, a partir deste relato, que Bia espontaneamente optou por defender o que ela acreditava, de modo que ela entendeu que o outro participante estava utilizando-se de uma justificativa relacionada à religião evangélica para explicar a própria dificuldade em aceitar a diversidade. Mais uma vez, nota-se como Bia parece ter clareza das formas como alguns processos preconceituosos aparecem de forma oculta. Ressalta-se, ainda, que este posicionamento dela é muito interessante frente a uma subjetividade social onde as pessoas evitam defender o que pensam.

Ela doou-se de tal forma naquele momento, que sua expressão parece ter fortalecido a crença em si mesma, a independência de pensamentos e a maneira crítica como ela procura dar sustentação àquilo que acredita, posicionando-se. Além disso, a partir do modo como ela estruturou esta resposta, é possível notar que ela se utilizou de valores morais ao defender o

que pensava, como **o respeito, a compreensão, a honestidade**, além de alertar sobre a importância de saber discernir alguns aspectos que são parte da subjetividade social, como a relação linear atribuída frequentemente, no país, entre ser religioso e pautar-se em princípios cristãos no exercício político; e de um político que possui uma determinada crença, representar de forma unânime todos aqueles que compartilham da mesma religião.

Tanto no caso de Bia, quanto dos outros participantes, foi possível perceber que as relações que pautam suas vivências, foram fundamentais na sua produção moral e, conseqüentemente, favoreceram o seu desenvolvimento e seu crescimento pessoal. Nota-se, ainda, que dificuldades vivenciadas no meio familiar se fez presente na maioria das expressões dos jovens. Destarte, podemos pensar como as situações de vida destes jovens potencializaram o sujeito moral frente aos diversos contratempos por que passaram junto à família, de forma que eles desenvolveram recursos subjetivos para se posicionarem diante dos desafios.

Nessa acepção, é possível extrair destes momentos, que as diferentes esferas da vida da pessoa articulam-se complexamente à produção dos processos morais e, nesse sentido, foi interessante notar, a partir das construções tecidas, como as vivências dos participantes acabaram por potencializar seu protagonismo, não tendo se transformado em barreiras que poderiam paralisá-los frente às dificuldades enfrentadas.

Assim, podemos ainda pensar, a partir do exposto, que a produção de sentido é exclusiva de quem o produz, tendo em conta aspectos da história de vida e do contexto social. Ou seja, por mais que uma pessoa possa a vir a obrigar-se, sem perceber, a adotar uma expressão condizente com aspectos morais impostos por pressões externas, ela terá uma produção de sentido única em relação a um determinado conteúdo moral, que irá se expressar em suas atitudes.

Além do que foi exposto nesta parte da construção, não poderia deixar de ressaltar uma percepção que tive em relação à participação destes jovens na pesquisa, o que parece ter

favorecido alguns desdobramentos subjetivos que estimularam reflexões relevantes relacionadas a vida pessoal deles. Foi interessante como cada participante foi dando suporte, se identificando com o que o outro falava, transformando o momento em um espaço de muitas trocas, favorecendo um intercâmbio de experiências.

Os jovens se apoiaram, sentiram-se unidos, pareciam se fortalecer na medida em que compartilhavam suas dificuldades, e familiarizavam-se com o que os outros traziam enquanto dificuldades, que também já lhes ocorreram. Podemos pensar, a partir desta reflexão, que espaços dialógicos podem ser favoráveis ao desenvolvimento, e culminarem em fonte de processos educativos aos jovens, considerando a Educação em seu sentido amplo.

Por fim, a partir das expressões destes jovens, torna-se possível falarmos da relação intrínseca entre a produção moral e a singularidade de uma vida. Podemos pensar, por assim dizer, que os processos morais são configurados subjetivamente, a partir de sentidos subjetivos que cada um produz, tendo em conta sua história de vida. Assim, é impossível discutir a moral sem ter em conta um espaço de vida concreto.

## Considerações finais

O presente trabalho abordou algumas reflexões em relação aos processos morais, tendo em conta a participação de jovens brasileiros na pesquisa. De maneira geral, foi possível compreender que a moral se expressa por meio das necessidades concretas de quem se comporta. Ou seja, torna-se inviável discutir esta temática considerando qualquer definição universal de aspectos morais, pois, os sentidos subjetivos produzidos pelo sujeito em uma ação, estão associados à reflexão do momento, que, por sua vez, é integrada por elementos de uma história de vida, de um contexto, e do modo como o simbólico e o emocional articulam-se a este processo.

Assim, na perspectiva da Teoria da Subjetividade, a ênfase não está no comportamento moral abstrato ou superficial, ou ainda no raciocínio intelectual responsável por conduzir a pessoa a atuar moralmente, mas na configuração subjetiva que está na base da produção moral, o que favorece uma visibilidade teórica do sujeito moral.

Diante disso, trago como aspectos essenciais na compreensão da moralidade, a partir da análise e construção dos casos e da teoria em questão, os seguintes aspectos:

1. Os processos morais são produzidos a partir de toda uma trama de vida complexa, sempre em nível singular;
2. Considerar o sujeito responsável por sua produção moral é uma das contribuições heurísticas da Teoria da Subjetividade, pois possibilita falarmos em uma qualidade moral produzida subjetivamente, bem como pensar o homem enquanto transformador de sua história;
3. Os participantes vivenciaram diferentes situações desafiadoras em suas vidas, de forma que nos foi possível pensar que, muitas vezes, momentos difíceis favorecem

produções alternativas, tornando-se momentos educativos, que exigem criatividade para provocar transformações;

4. O problema de concepções cognitivistas, universalistas, da moral, reside no tratamento homogêneo concebido aos processos morais. Ou seja, está na impossibilidade de gerar inteligibilidade sobre a qualidade da produção moral da pessoa de forma singularizada, além de ignorar sua capacidade de gerar alternativas e de definir caminhos de transformações e produções próprias;
5. Discorrer sobre uma moral imposta de fora, é o mesmo que rejeitar os sentidos subjetivos configurados a partir das vivências de cada pessoa, que são parte do modo como cada um produz subjetivamente a própria moralidade;
6. Momentos de diálogos, conversas informais, podem favorecer reflexões e posicionamentos críticos sobre a própria moralidade, desdobrando-se em processos educativos, tendo em conta as relações estabelecidas.

Por fim, ao ponderarmos alguns dos processos subjetivos da moral, organizados a partir de vivências concretas, é possível distanciar-se de qualquer atribuição apriorística, taxativa, linear, universalista ou homogênea, de se estudar a moral. Por outro lado, considerar a dimensão subjetiva do sujeito moral, possibilita alcançar a cultura, o histórico e o social, ou seja, abrange a forma singularizada que tais elementos foram subjetivados pela pessoa, considerando a unidade simbólico e emocional na produção de sentidos subjetivos diante das vivências.



## Referências Bibliográficas

- Blasi, A. (1990); Kohlberg's theory and moral motivation. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 47, n. 1, p. 51-57.
- Campbell, R. L., & Christopher, J. C. (1996). Moral development theory: A critique of these kantian presuppositions. *Development Review*, 16, 1-47.
- D´Aurea-Tardeli, D. (2008). A manifestação da solidariedade em adolescentes: um estudo sobre a personalidade moral. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(2), 288-303.
- Gilligan, C. (1993). *Uma voz diferente: Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta* (C. Nathanael & C. Caixeiro, Trans.). Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos.
- González Rey, F. L., & Mitjans Martínez, A. (1989). *La personalidad su Educación y Desarrollo*. Habana: Pueblo Y Educación.
- González Rey, F. L. (1997). Psicologia e saúde: desafios atuais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(2), 275-288.
- González Rey, F. L. (2002). *Sujeto y Subjetividad: una aproximación histórico-cultural*. México: Thomson.
- González Rey, F. L. (2004). *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Petrópolis: Vozes.
- González Rey, F. L. (2005) *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de Construção da informação*. São Paulo: Thomson Learning.
- González Rey, F. L. (2006). O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. Em M. C. V. R. Tacca (Org.), *Aprendizagem e trabalho pedagógico*. Campinas: Alínea.

- González Rey, F. L. (2007a). *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade. Uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson Learning.
- González Rey, F. L. (2007b). As categorias sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Psicologia da Educação*, 24(9), 155-179.
- González Rey, F. L. (2009a). La significación de Vygotsky para la consolidación de lo afectivo en la educación. *Actualidades investigativas en educación*, 9(1), 1-24.
- Gonzalez Rey, F. (2009b). Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre aprendizagem: a aprendizagem no nível superior. Em: A. Mitjás Martínez & M.C.V.R. Tacca (Orgs.), *A complexidade da aprendizagem: destaque ao ensino superior* (pp. 119-148). Campinas: Alínea
- González Rey, F. L. (2011). *Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia*. São Paulo: Cortez.
- González Rey, F. L. (2012). Sentidos subjetivos, linguagem e sujeito: implicações epistemológicas de uma perspectiva pós-racionalista em psicoterapia. Em A. Holanda (Org.), *O campo das psicoterapias: Reflexões atuais* (pp. 47-70). Curitiba: Juruá.
- González Rey, F. L. (2013). *O pensamento de Vigotsky: contradições, desdobramento e desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec.
- González Rey, F. L. (2014). A saúde na trama complexa da cultura, das instituições e da subjetividade. Em: F. L. González Rey, & J. Bizerril (Orgs.), *Saúde, cultura e subjetividade: uma referência interdisciplinar* (pp. 9-33). Brasília: UniCEUB.
- Kohlberg, L. (1981). *Essays on moral development*. San Francisco, CA: Harper & Row.
- Kohlberg, L. (1984). *The psychology of moral development: Moral stages, their nature and validation*. New York: Haper & Row.
- Kohlberg, L. (1992). *Psicologia del desarrollo moral*. Bilbao: Desclée.

- La Taille, Y. de. (1998). Prefácio à edição Brasileira. In J. M. Puig, *A construção da personalidade moral* (pp. 7-15). São Paulo: Ática.
- La Taille, Y. de. (2002). *Vergonha, a ferida moral*. Petrópolis: Vozes.
- La Taille, Y. de. (2006). *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed.
- La Taille, Y. de. (2007). Desenvolvimento humano: contribuições da psicologia moral. *Psicologia USP*, 18(1), 11-36.
- La Taille, Y. de. (2009). *Formação ética: de tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed.
- La Taille, Y. de. (2010). Moral e Ética: uma leitura psicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (UnB), 26(n. especial), 105-114.
- Lemos-De-Souza, L. (2008). *Modelos organizadores, gênero e moral na resolução de conflitos entre jovens na escola*. Tese de doutorado não-publicada, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Lima, V. A. A. de. (2004). De Piaget a Gilligan: retrospectiva do desenvolvimento moral em psicologia um caminho para o estudo das virtudes. *Psicologia: ciência e profissão*, 24(3), 12-23.
- Lourenço, O. M. (1992). *Psicologia do desenvolvimento moral: teoria, dados e implicações*. Coimbra: Almedina.
- Martins, S. P. (2003). *Juízo e representação da ação moral: Um estudo a partir da teoria dos modelos organizadores do pensamento*. Dissertação de mestrado não-publicada, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Martins, L. C., & Branco, A. U. (2001). Desenvolvimento moral: considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 17(2), 169-176.

- Mitjás Martínez, A. (2008). Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem: uma relação necessária? Em: M. C. V. R. TACCA (Org.). *Aprendizagem e trabalho pedagógico* (pp. 69-94). Campinas: Alínea.
- Oliveira, R. J. de. (1996). Ética e educação: a formação do homem no contexto de crise da razão. *Revista Brasileira de Educação*, 2 (mai/ago), 33-41.
- Oliveira, R. J. de., Canen, A. & Franco, M. (2000). Ética, multiculturalismo e educação: articulação possível? *Revista Brasileira de Educação*, 13 (jan/abr), 113-126.
- Perez-Delgado, E., & Garcia-Ros, R. (1991). *La Psicología del desarrollo moral*. Madrid, Espanha: Siglo Veintiuno de España
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança* (E. Lenardon, trad.). São Paulo: Summus.
- Tacca, M. C. R. V., & González Rey, F. L. (2008). Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. *Revista Ciência e Profissão* 28(1), 138-161.
- Togetta, L. R. P., & La Taille, Y. de. (2008). A formação de personalidades éticas: representações de si e moral. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 181-188.
- Vasconcelos, M. S., Arantes, V. A., Souza, L. L. de., Trevisol, M. T. C., & Belloto, M. E. (2010). Juízos e valores morais: a perspectiva de investigação dos modelos organizadores do pensamento. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 20(46), 207-217.

## **Anexos**

## **Anexo A: Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**  
**“Processos Subjetivos da Moralidade em Jovens Brasileiros: uma Articulação Teórica  
entre Subjetividade e Processos Morais”**  
**Instituição dos pesquisadores: Centro Universitário de Brasília**  
**Pesquisador responsável (professor orientador): Fernando Luis González Rey**

- Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado a participar. Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma via do mesmo. Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

### **Natureza e objetivos do estudo**

- O objetivo desse estudo consiste em compreender processos de produção subjetiva de um grupo de jovens universitários associados à moralidade, considerando expressões singulares. Para tanto, será estudado a produção de sentidos subjetivos do jovem frente a temas polêmicos e associados a aspectos da moralidade; bem como será discutido expressões de valores morais em jovens diante de situações de conflito que aparecerão no curso da pesquisa. Você está sendo convidado a participar exatamente pelo fato de a pesquisa consistir em estudos de caso de jovens e a sua participação poder favorecer o processo de construção de informações relacionadas ao objetivo supracitado.

### **Procedimentos do estudo**

- Sua participação consiste em alguns encontros que serão realizados pelo pesquisador em graduação dessa pesquisa, de acordo com a sua disponibilidade, em um espaço de tempo de 15 dias. A duração dos encontros será de aproximadamente 2h a 3h.
- O primeiro encontro consistirá no que se denomina “dinâmica conversacional”, um diálogo interativo durante o processo da pesquisa entre participante e pesquisador, que consistirá em conversas sobre as suas vivências atuais, a sua história de vida e aspectos do seu contexto da vida social e familiar. No segundo encontro será mostrado um filme seguido de debate com a presença de um grupo de oito jovens, em um lugar previamente reservado. Já no terceiro encontro, será aplicado um questionário aberto aos participantes, durante um

encontro previamente agendado, seguido de dinâmica conversacional, que consistirá em um diálogo relacionado às respostas ao questionário.

- Nesse estudo serão realizados estudos de caso, que contarão com a epistemologia qualitativa como método de estudo, a qual defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento, ou seja, o pesquisador também tem papel ativo na pesquisa como interpretador e construtor das informações obtidas nos diálogos, articulando todas as suas expressões ao foco do estudo.
- Será utilizado um gravador durante os encontros para posterior transcrição e análise das conversas. Caso esse procedimento lhe cause algum constrangimento, poderá ser retirado.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

### **Riscos e benefícios**

- Este estudo apresenta a probabilidade de ocorrência dos seguintes riscos mínimos: risco imediato nos momentos de encontros em que poderá se recordar de algum aspecto da sua vida que provocou sofrimento e causar algum tipo de constrangimento no momento da pesquisa, podendo afetar o seu estado emocional; risco tardio de alguma alteração emocional a partir dos diálogos, em relação à percepção dos próprios valores.
- Os temas que você irá abordar serão respeitados, evitando aprofundar questões que julgar provocarem sofrimento. Estou à disposição para acolhê-lo no processo de diálogo, de modo a favorecer uma relação que preza pela segurança e pelo vínculo afetivo. Ressalto que caso a conversa abra campos de sofrimento, disponho-me para acolhê-lo e, caso necessário, buscarei a supervisão do professor responsável pela disciplina, na necessidade de eventualmente encaminhar para serviço terapêutico especializado. Medidas preventivas durante os diálogos serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo. Você poderá interromper a participação na pesquisa se sentir necessário.
- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre a compreensão da produção de sentidos subjetivos de jovens relacionada à moralidade no contexto brasileiro, gerando inteligibilidade sobre a condição de sujeito moral, ao incluir suas produções, concepções e vivências, no decorrer da pesquisa. Assim, favorecerá uma visibilidade teórica propícia à reflexão de estudos no âmbito dessa temática.

### **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

### **Confidencialidade**

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores responsáveis e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravações, anotações) ficará guardado sob a responsabilidade dos pesquisadores responsáveis com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade/ será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_,  
após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos  
envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
Fernando Luis González Rey, (61) 3244-6753, gonzalez\_rey49@hotmail.com

\_\_\_\_\_  
Andressa Martins do Carmo, (61) 8282-6552, andmartins18@hotmail.com

Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, telefone 39661511, e-mail comitê.bioetica@uniceub.br .



## **Anexo B: Modelo de questionário**

### **Questionário Aberto**

1. Como foi para você discutir as questões do filme durante o debate? Como se sentiu? Dê exemplos.
2. Você conversaria abertamente do assunto do filme com sua família? Como você caracterizaria a sua família em relação a isso? Como se sente quando pensa nisso?
3. Você sente que esse tipo de relação amorosa poderia aparecer em qualquer família na sociedade atual? Explique sua resposta.
4. Como psicólogo como você atenderia Lilly (loira)?
5. Como você pensa essa situação do filme na sociedade atual, e que implicações isso tem na sua vida?
6. O que você pensa do cidadão brasileiro tendo em conta as questões do filme?
7. Você se identifica mais com a personalidade de qual personagem? Porque? Cite exemplos da sua vida que te direcionaram para tal escolha.

## Anexo C: Modelo Complemento de Frases

<b>Meu maior desejo:</b>	
<b>Eu secretamente:</b>	
<b>Vivo:</b>	
<b>Gostaria:</b>	
<b>A felicidade:</b>	
<b>Esforço-me diariamente por:</b>	
<b>Espero:</b>	
<b>Gosto:</b>	
<b>Família:</b>	
<b>O tempo mais feliz:</b>	
<b>Amor:</b>	
<b>Considero que posso:</b>	
<b>Minha principal ambição:</b>	
<b>Eu:</b>	
<b>Meu maior problema é:</b>	
<b>Algumas vezes:</b>	
<b>Convivência:</b>	
<b>Lamento:</b>	
<b>Não posso:</b>	
<b>Sofro:</b>	
<b>Fracassei:</b>	
<b>Meus pais:</b>	
<b>Muitas vezes reflito sobre:</b>	
<b>O trabalho:</b>	
<b>O estudo:</b>	
<b>Meu sonho:</b>	
<b>Eu admiro:</b>	
<b>Meu futuro:</b>	
<b>O brasileiro:</b>	
<b>O passado:</b>	
<b>Sempre que posso:</b>	
<b>Luto:</b>	
<b>As pessoas:</b>	